

**GILNEI RICARDO CASAGRANDE**

**UM CHEIRO DO VINHO:  
PRESENÇA ITALIANA EM GRAMADO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul, como requisito à obtenção do título de Mestre em História, área de concentração: História das Sociedades Ibero-Americanas.

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Núncia Santoro de Constantino

Porto Alegre

2006

## **AGRADECIMENTOS**

À minha esposa, Maria do Carmo, Luciana e Bruno, meus filhos, obrigado por compreenderem o afastamento e a distância que o estudo impôs. Nossas vidas estão entrelaçadas nesse trabalho.

Aos meus pais Lauri e Zilla, obrigado pela forma que me educaram. Consegui através dos pais de vocês mostrar uma trajetória de vida de pessoas simples, porém determinadas.

Merecem um agradecimento carinhoso os amigos: Daniel, Vera, Fernando, Ivelni, Marina, Marcos, José Roberto, Silvana, Carmem Lúcia, Carlos, Ruslani, Arnon, Roberto, Ria, Maria Eduarda e Ginêz, Maria Eduarda, Ilaci e Carlos Alberto. Nos momentos necessários e importantes, vocês estiveram presentes ao meu lado, sem questionar.

Um carinho e agradecimento especial aos entrevistados: Nair Perini, Diva Masotti, Camilo Roldo e Remi Conte, vocês são responsáveis pela reconstrução, mesmo que parcial, dos “colonos” de Gramado.

Merece meu profundo reconhecimento os senhores Pedro Henrique Bertolucci e Nestor Tissot, homens públicos de Gramado. Responsáveis que são pelo desenvolvimento do município, incentivaram meus estudos.

À professora Vera Pante, uma abnegada da educação em Gramado.

Aos secretários do Programa de Pós-Graduação em História Carla Carvalho e Davi Estácio Diniz, pela elegância do tratamento.

Á Rosa Velho, pelo profissionalismo e atenção dispensada.

Há uma referência muito especial a ser feito a uma amiga que nos momentos difíceis esteve presente. Sei que gostaria de continuar incógnita. Obrigado.

À Professora Doutora Núncia Santoro de Constantino, profissional de qualificação internacional, devotada, incansável e profunda conhecedora dos importantes resultados que a fonte oral proporciona. Deixo registrado meu reconhecimento, respeito e admiração. Mesmo com minhas limitações intelectuais, devo-lhe muito do que aprendi.

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C334c Casagrande, Gilnei Ricardo

Um cheiro do vinho : presença italiana em Gramado /  
Gilnei Ricardo Casagrande. – Porto Alegre, 2006.

111 f. : il.

Dissertação (Mestrado) – PUCRS, Fac. de História, Programa  
de Pós-Graduação em História, 2006.

Orientação: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Núncia Santoro de Constantino.

1. Imigração Italiana – Rio Grande do Sul. 2.

Colonização Italiana – Rio Grande do Sul. 3. História Oral.

4. Micro – História. 5. Gramado (RS) – História. I.

Constantino, Núncia Santoro de. II. Título.

CDD 981.652

Bibliotecária Responsável  
Iara Breda de Azeredo  
CRB 10/1379



## RESUMO

A presente pesquisa objetiva reconstruir passos de imigrantes italianos ou de seus descendentes no município de Gramado. Há registros de que essa etnia se faz presente no final do século XIX na região gramadense, a julgar pela escassa documentação disponível. O município conta com vinte e três colônias, as quais, no início do povoado, desenvolviam uma economia de subsistência. Com o passar das décadas, o excedente foi sendo comercializado no mesmo povoado e fora dele. O italiano ou seu descendente, quando fixado no perímetro urbano dedica-se à política, à gastronomia e à hotelaria; na zona rural mantém uma relativa continuidade dos hábitos, usos e costumes. A pesquisa desenvolvida analisou documentos primários e empregou a metodologia da história oral. Contando com essa metodologia, foi possível a reconstrução de aspectos do cotidiano de uma coletividade de origem italiana. A pesquisa também revela questões ligadas à etnicidade, as quais apontam diferenças e essas, por sua vez, produzem mecanismos diversos de representação. O trabalho também constata que os descendentes de italianos beneficiaram-se do trabalho assalariado no núcleo urbano, o que lhes possibilitou melhores condições de vida, quando o lote colonial tornou-se exíguo. O alargamento das relações entre o poder público e essa etnia está caracterizado pela sua inserção no turismo local, o que permitiu a fixação de colonos nos seus redutos de origem. Concluiu-se que a etnia italiana desempenha importante papel na construção do município de Gramado, tornando-se elemento fundamental à proposta turística da região.

**Palavras-chave:** Imigração Italiana - Colonização - História Oral - Micro-História.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Quadro político das terras de Gramado .....	20
Figura 2 - Vista parcial do Povoado de Gramado – 1925. Primeiro plano à esquerda – Casa da família Zatti. No plano central, casa de Antonio Accorsi. ....	26
Figura 3 - Plano geral da Avenida Borges de Medeiros – 1930. No primeiro plano os trilhos da ferrovia que ligava Taquara/Canela.....	29
Figura 4 - Bodas de Ouro de Angelina e Francisco Perini – 1928. (Sentado) – da direita para a esquerda: Jaime Olavo Perini, Valeska de Calazans Perini, ao fundo, Pedro Zanatta, Cecília Zanata, Nair Perini, Lauri Casagrande, José Francisco Perini, Ermida Zatti Perini, Zilla Therezinha Casagrande, ao fundo: Julio Carniel, Pierina Carniel, ao fundo: Emílio Moraes, Jsephina Perini Moraes, Francisca Perini, ao fundo: Iria Perini Zanatta, Divino Zanatta, Oflia Perini Achermann e Irma Perini Zanata. ....	35
Figura 5 - Joga da Mora – Atividade lúdica entre os colonos .....	45
Figura 6 - Crochê: Atividade feminina.....	45
Figura 7 - Festa da Colônia – 1996 - Desfile de carretas em homenagem ao colono .....	49
Figura 8 - Festa da Colônia – 1996 - Desfile de carretas – Motivo: Produção de pão.....	50
Figura 9 - Propriedade da Francisco Perini – Linha Vinte e oito. Da direita para a esquerda: Angelina Perini, Cecília Perini, Josephina Perini, Nair Perini, Francisca Perini – Norma Carniel – Pierina Perini Carniel, no seu colo Joanete Carniel– Júlio Carniel, no seu colo Josemari Carniel. Sentadas: Zilla Perini e Irmã Perni.....	53

Figura 10 - Mapa das terras de José Manoel Corrêa vendidas para as famílias de imigrantes italianos, que lá se estabeleceram a partir de 1890, dividindo-as em lotes .....	58
Figura 11 - Angelina e Francisco Perini - 1920 .....	68
Figura 12 - Escola Municipal Fagundes Varela - Apresentação de teatro. Primeiro plano a comunidade. Linha Vinte e Oito – Anos 30 .....	79
Figura 13 - Escola Municipal Fagundes Varela – Linha Vinte e Oito – Anos 30. Professora: Elvira Benetti (em pé) – O terceiro da esquerda para a direita: Jaime Olavo Perini. Na fila do meio, primeira da esquerda para direita: Zilla Therezinha Perini. Na fila do meio, a quarta da esquerda para direita: Irma Moraes Professora: Elvira Benetti (em pé) – O terceiro da esquerda para a direita: Jaime Olavo Perini. Na fila do meio, primeira da esquerda para direita: Zilla Therezinha Perini. Na fila do meio, a quarta da esquerda para direita:Irma Moraes .....	79
Figura 14 - Escola Municipal Fagundes Varela - Linha Vinte e Oito – Anos 40. Atividade recreativa. ....	80
Figura 15 - Cine Splendid – 1936.....	87
Figura 16 - Festival de Cinema de Gramado -1997 - Premiação dos filmes vencedores.....	87



## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - A população urbana entre os anos de 1981 e 1990 .....	36
--	----

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>1 COLONO: A PONTA DO ICEBERG.....</b>	<b>17</b>
1.1 Decisões Políticas.....	17
1.2 Gramado e Seu Destino Político.....	19
1.3 Gramado: Colônia por Assimilação .....	21
1.4 Colonos Italianos: Passageiros da Política .....	26
<b>2 O ITALIANO NA CIDADE: RECONSTRUÇÃO DA EXPERIÊNCIA .....</b>	<b>33</b>
2.1 Práticas Cotidianas – Componentes Necessários da Lembrança.....	33
2.2 A Colônia e o Espaço da Mulher.....	39
2.3 A Igreja como Centro Religioso e Social .....	44
2.4 Os Meios de Transportes .....	47
2.5 Trabalho na Terra – Uma Clonagem do Passado .....	50
<b>3 COLONOS E COLÔNIAS .....</b>	<b>56</b>
3.1 Lugares e Pessoas Comuns.....	56
3.2 O Colono e o Pertencimento Social.....	59
3.3 O Passado e a Memória .....	61
3.4 A Base do Iceberg – Construção do Lugar.....	65
3.5 Os Olhares e as Lembranças.....	67
3.6 O Passado por Um Fio de Seda .....	72
3.7 Os Italianos na Escola: os Saberes que Libertam .....	75
3.8 Os Riscos da Perda da Identidade .....	80

<b>4 O COLONO E A SUA PARTICIPAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO DE GRAMADO .....</b>	<b>82</b>
4.1 Os Passos até a Chegada do Veranista .....	82
4.2 A Arte e o Progresso Turístico .....	84
4.3 Cinema, Repressão Política e Turismo.....	85
4.4 As Novas Roupagens do Turismo .....	88
4.5 As Cores da Etnicidade .....	89
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>92</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>98</b>
<b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR.....</b>	<b>103</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>106</b>
ANEXO A - Mapa do Município de Gramado.....	107
ANEXO B - Escrituras Públicas de Compra e Venda de Terras - 1898, 1908, 1909 e 1910.	109
ANEXO B - Escrituras Públicas de Compra e Venda de Terras - 1918 e 1919.....	178
ANEXO D - Mapa das Terras .....	202

## INTRODUÇÃO

Sou bisneto de imigrantes italianos. Conheci somente minha bisavó materna ainda criança, porém ao lado de meus avós maternos o contato foi intenso e profundo. Com eles fui escrevendo as páginas diárias da minha vida e é reconfortante saber que não fui privado desse passado rico em experiências. Olhar para o passado é encontrar possibilidades de reconstrução. Essa experiência com a família oportunizou-me uma vivência muito próxima com pessoas da comunidade italiana, as quais com seu jeito de falar, seus hábitos e seus costumes me cativaram. Olhar para uma fotografia, para um utensílio doméstico, trilhar pelos mesmos caminhos por onde andaram, conhecer os hábitos, usos e costumes é uma evocação. Entretanto, esses homens e mulheres na sua maioria colonos, partiram e seus rastros foram sendo cobertos pela poeira do tempo e pela aceleração do progresso.

Passa-se a perguntar por que esse contingente humano transferiu-se para a região de Gramado no final do século XIX e raiar do século XX, sabendo-se que essas terras estavam afastadas do projeto colonizatório imperial, a exemplo do que ocorreu na região de Caxias do Sul, cuja estrutura, embora precária, havia cerca de trinta anos tomando como base o ano de 1875. Questiona-se também, que olhares lançaram esses colonos sobre a região de Gramado como fruto de uma escolha de vida, visto que as forças deveriam ser redobradas. Para

satisfazer a curiosidade intelectual, foi realizada uma ampla revisão bibliográfica as quais deram não deram respostas precisas. O italiano nato ou seus descendentes aparecem no meio social, econômico e cultural de Gramado de forma tímida em algumas crônicas, fotografias ou pelo recebimento esporádico de algumas distinções públicas que não registram historicamente suas presenças no município.

As obras de Giron, De Boni, Costa, Constantino, foram fontes valiosíssimas para o estudo da imigração italiana em geral no Rio Grande do Sul. Burke e Sharpe, foram autores que muito auxiliaram a compreender os rumos traçados pela nova história, onde o sujeito pode ser o incógnito, o homem simples e comum. A pesquisa de campo desenvolvida foi do tipo Estudo Exploratório, com a finalidade de buscar subsídios, sempre em decorrência do fato de serem insuficientes as publicações sobre a presença italiana no Município de Gramado. Os Anexos A, B, C e D, são ilustrações dessas presenças. Dentro desse princípio, foi adotada a fonte oral como metodologia, que, no âmbito das novas concepções de História, está cada vez mais auxiliando os pesquisadores. A utilização dessa metodologia, tornou-se eficaz no momento em que contribuiu para preencher as lacunas existentes nos esparsos documentos levantados. Tal utilização, em momento nenhum, significa desprezo pela fonte primária, ambas são coadjuvantes da história, dependendo do que o pesquisador se propõe.

Dessa forma, os resultados das entrevistas foram capazes de refletir parte de um passado, onde o colono é o protagonista. Depois de selecionado esse *corpus* documental, foi possível formular o problema que desencadeou a pesquisa: *Como ocorreu, e em que bases fixou-se o imigrante italiano na região de Gramado, entre o final do século XIX e meados do século XX?* Na tentativa de dar solução ao problema, estabeleceu-se como objetivo: analisar a trajetória, bem como o cotidiano dessa comunidade italiana no município de Gramado,

reconstruindo suas vivências e buscando esclarecer sua inserção social. Pela escassez de estudos sobre a imigração italiana em Gramado, fato que iria interferir no projeto de pesquisa foram estabelecidas questões norteadoras:

Quais as formas de assentamento dos imigrantes italianos ou de seus descendentes nas terras de Gramado?

Quais as evidências da participação desses imigrantes nos campos culturais, sociais e econômicos de Gramado?

Como se distribuíram e quais os espaços que ocuparam na região?

Para analisar a participação desses colonos, os depoimentos foram de extrema valia. Na tentativa de recompor os espaços públicos, foi importante a pesquisa no Arquivo Público Estadual de Porto Alegre, no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, no Cartório de Registro Civil de Gramado, os Cadernos de Registros presenciais de alunos do Colégio Estadual Santos Dumont. Também foi de grande valia a documentação que integra o acervo do Arquivo Histórico Municipal João Leopoldo Lied, de Gramado.

No que se refere ao espaço de circulação privada, sou agora um depoente:

Os fragmentos recolhidos permitem retornar à primeira infância, em que vivi junto com meus avós maternos até suas passagens derradeiras. Os aromas do ambiente da colônia ainda estão presentes e eles me fazem circular pelos lugares com a alegria de uma criança com idade de cinco ou seis anos. Atravessar o pequeno córrego pulando de pedra em pedra,

recolher os ovos do galinheiro, debulhar o milho no paiol, esconder-se em meio às enormes pipas de vinho, comer a uva tirada da parreira, correr pela casa, sentar no colo de minha avó e ler de forma imprecisa os jornais com meu avô são imagens valiosas que apareceram não só nos momentos da pesquisa, mas que estão presentes e vivas.

Um atributo da maturidade é poder perceber que as grandes lições de minha vida foram tomadas naquele ambiente. Não me recordo de ter sido chamado atenção por alguma falta de postura ou por comportamento inadequado, entretanto, se um dia meus avós o fizeram devo-lhes tudo o muito que consegui como pessoa. Das inúmeras travessuras, duas me marcaram profundamente. Uma delas foi fazer com que minha tia Francisca me desse uma foice para auxiliá-la a cortar pasto para os animais recolhidos na estrebaria; o acidente veio ao primeiro gesto. Socorrido, acabei com um séqüito ao lado da cama e com direito a ser carregado, por dias, no colo do meu avô.

A segunda, talvez a mais séria, foi no dia anterior a minha partida para a casa de meus pais. Escondi-me dentro de uma pipa vazia. Porém o cheiro forte do vinho impregnado nas paredes me fez adormecer. Instalou-se o pânico na casa e na vizinhança. Meu avô, desesperado, mandou abrir as comportas do açude. Resultado: a casa passou dois dias às escuras, pois a represa, destinada à produção de energia, ficou vazia. Fui encontrado muito tempo depois, pela tia Francisca, dormindo profundamente. O castigo dos meus avós foi mais um dia com eles e de lambuja me deram um porquinho recém nascido o que precisei alimentar com uma mamadeira improvisada, por muito tempo.

Com meu avô me alfabetizei, conhecendo as letras cedo. Soletrávamos as palavras, ele por ser praticamente analfabeto e eu por ser iniciante, mas os sons daquele aprendizado

ainda vagueiam na minha lembrança. Naquela casa, o único momento de silêncio era a hora das refeições. No horário próximo ao meio dia, minha avó me mandava “bater o martelo”, dava então eu várias batidas em um pedaço de trilho de trem pendurado próximo à casa. Ao som das marteladas, o pessoal que estava na roça ou sob as parreiras vinham chegando, porque o almoço ou o jantar seria servido em poucos minutos.

Os anos passaram, e aquelas práticas aos poucos foram desaparecendo, permanecendo, entretanto, vivas em minha memória. Atento ao que se passava a minha volta, cresci ouvindo as dificuldades e o trabalho que os imigrantes italianos ou seus descendentes precisaram enfrentar para alcançar o desenvolvimento do município e da região. A forma encontrada para reconstruir o passado dessa comunidade, está na oralidade; esse fascinante mudo de lembranças, onde as experiências do cotidiano se tornam tributárias do pertencimento.

Mesmo contando com as limitações relacionadas à memória, a metodologia oferece imensas possibilidades, na medida em que enseja inferências. Vale registrar que as limitações pessoais do autor, sejam no processo mental ou no registro da síntese, podem ser muita. Entretanto, os indícios detectados na própria memória, pertinentes ao passado marcado pela imigração italiana em Gramado, direcionam a aspectos gerais da experiência destes estrangeiros no nascente município. Tentou-se dar conta dos resultados na investigação realizada, em texto que ficou organizado em quatro capítulos.

No primeiro capítulo, procurou-se fazer uma descrição histórico-geográfica da região com ênfase na política imperial brasileira, assinalando características singulares e envolvendo aspectos relacionados aos primórdios da ocupação da área.



O segundo capítulo estabelece a relação do grupo étnico no espaço e no tempo, destacando as práticas cotidianas, as relações de trabalho, o envolvimento social, bem como as relações de poder.

Estudou-se no terceiro capítulo os desdobramentos ocorridos além do espaço colonial, evidenciando-se os lugares comuns e as práticas cotidianas.

No quarto capítulo, analisou-se o papel da etnia italiana no desenvolvimento social, cultural e econômico do município de Gramado.

Valeu a satisfação de ter dado mais um modesto passo para a compreensão da presença italiana no Estado, analisando o caso do Município de Gramado.

# 1 COLONO: A PONTA DO ICEBERG

## 1.1 Decisões Políticas

As pesquisas sobre a necessidade de mão-de-obra européia no Brasil a partir da vigência da Lei nº. 601, de 18 de setembro de 1850, contemplam um universo de dados e informações, as quais possibilitaram a formação de um *corpus documental* de singular especificidade<sup>1</sup>. Os estudos sobre a colonização italiana renovam-se a cada comemoração e as pesquisas acadêmicas demonstram o profundo interesse em conhecer cada vez mais as particularidades desse movimento transoceânico.

Dentro desse universo, ainda existem comunidades que pendem de estudos cujos motivos e razões pertencem a outro universo, porém, é inegável que há um grande trabalho a ser feito. Buscar as razões que justifique a presença italiana nas terras de Gramado a partir do final do século XIX e início do XX, é um exercício que poderá contribuir para que esses hiatus étnicos possam ser compreendidos como meio de preservação do passado. DALESSIO<sup>2</sup> expressa que *do senso comum às políticas públicas existe uma concordância sobre a necessidade de preservação do passado* esse entendido, como efeito de manifestações culturais, políticas, econômicas e sociais.

---

<sup>1</sup> Como suporte sugere-se o exame da obra de CONSTANTINO, Núncia Santoro de. **O Italiano da Esquina – Imigrantes na Sociedade Porto-Alegrense**. Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana. Tese de Doutorado. Porto Alegre, 1991. (Coleção Imigração Italiana, n. 152).

<sup>2</sup> DALESSIO, Márcia Mansur. **Memória é Matéria Prima do Historiador**. São Paulo: PUC. Disponível em: <<http://www.conciência.br/reportagens/memória/06.shtm/>>. Acesso em: 08 ago. 2004.

Dentro de tal perspectiva, há que ser investigado o conjunto de fatores que não estão na superfície, e que se apresentam como a *ponta do iceberg*. Trata-se daquilo que se encontra abaixo dos contextos citados e que pode contribuir para explicar a presença de italianos no município de Gramado. Agregar esses dados àqueles já existentes, revela-se um complemento dessa metáfora; descer da superfície plana e horizontalizada, para submergir num espaço a ser revelado.

A questão que se coloca está relacionada aos elementos constitutivos da presença italiana no espaço territorial de Gramado, a qual, segundo a tradição oral, deu-se pelo esgotamento das terras originais previstas pela política imperial – mas também aquela que é própria do ser humano, ou seja, o desenvolvimento pleno de seus objetivos, aqui entendidos como a terra, a família e a sobrevivência.

Percorrendo o município de Gramado, percebe-se que a comunidade de italianos formam um mosaico de pequenas propriedades, as quais desde muito tempo são responsáveis pela sobrevivência das famílias. O processo da chegada e os primeiros assentamentos remontam às primeiras décadas do século XX, porém, a tradição oral, que não pode ser confirmada em toda a sua integralidade, pela escassez do documento primário, indica que, no encerrar do século XIX, já haviam italianos radicados em Gramado. Essas terras apesar de não estarem inseridas nos traços colonizatório original, possui limite geográfico natural<sup>3</sup> com Caxias do Sul, o que pode servir de indicador, para justificar o foco inicial do povoamento na localidade de Linha Nova naquelas proximidades.

---

<sup>3</sup> Ao Norte com o rio Santa Cruz, ao Sul com o município de Três Coroas, a Leste com os municípios de Nova Petrópolis e Dois Irmãos.

## 1.2 Gramado e Seu Destino Político

As terras em que se localiza o município de Gramado, encontram-se na região nordeste do Estado do Rio Grande do Sul. Segundo a historiografia local<sup>4</sup>, em 1880 os agrimensores José Rath e Henrique Wasen mapeiam a região a pedido de José Manoel Correa. BLUM, registra que no ano de 1875 o casal Tristão José Francisco de Oliveira subiu a serra abrindo picadas e construindo um rancho de tábuas. De Lages, Santa Catarina veio José Manoel Correa com a família. Esse pequeno grupo, segundo se infere, foi responsável pela primeira concentração nas terras de Gramado. Logo no início do século XX, em 19 de abril de 1904, através do ato Municipal nº 72, Gramado passa à condição de 5º Distrito de Taquara, com sede na Linha Nova. Através do Ato nº 139, de 17 de Janeiro de 1913, foi transferida a sede distrital para o atual centro urbano. Através do Decreto da Interventoria Federal no Estado do Rio Grande do Sul nº 7.199, de 31 de março de 1938<sup>5</sup>, o povoado de Gramado é elevado à Vila e, em 15 de Dezembro de 1954, através da Lei Estadual nº 2.522, Gramado torna-se município.

Apesar da fundação do município de Gramado estar dentro da legislação republicana, apesar do município estar inserido nos primeiros destinos turísticos do país, o *status* de “colônia” e de “colono” para o homem rural permanece íntegro, e é parte integrante do seu cotidiano.

Em 1809, ocorre a primeira divisão administrativa do Rio Grande do Sul, o qual estava parcelado em quatro grandes municípios: Município de Rio Grande, Município de

---

<sup>4</sup> BLUM, Germano Marcolino (Org.). **Gramado Simplesmente Gramado**. Gramado: Prefeitura Municipal de Gramado, 1987. p. 24-25.

<sup>5</sup> ARQUIVO DA CASA CIVIL DO RIO GRANDE DO SUL. **D.O. de 1º de abril de 1938**. Porto Alegre, p. 5 a 9.

Porto Alegre, Município de Rio Pardo e por fim o Município de Santo Antônio da Patrulha, este instalado em 1811. Num breve recorte, é importante lembrar que em 1886 é criado o Município de Taquara e a partir daí, Gramado. Essa cronologia justifica a afirmação acima; descendentes de lusos e ítalo-brasileiros foram os que passaram a ocupar as terras de Gramado, tendo ao seu lado, de forma assemelhada os teuto-brasileiros.

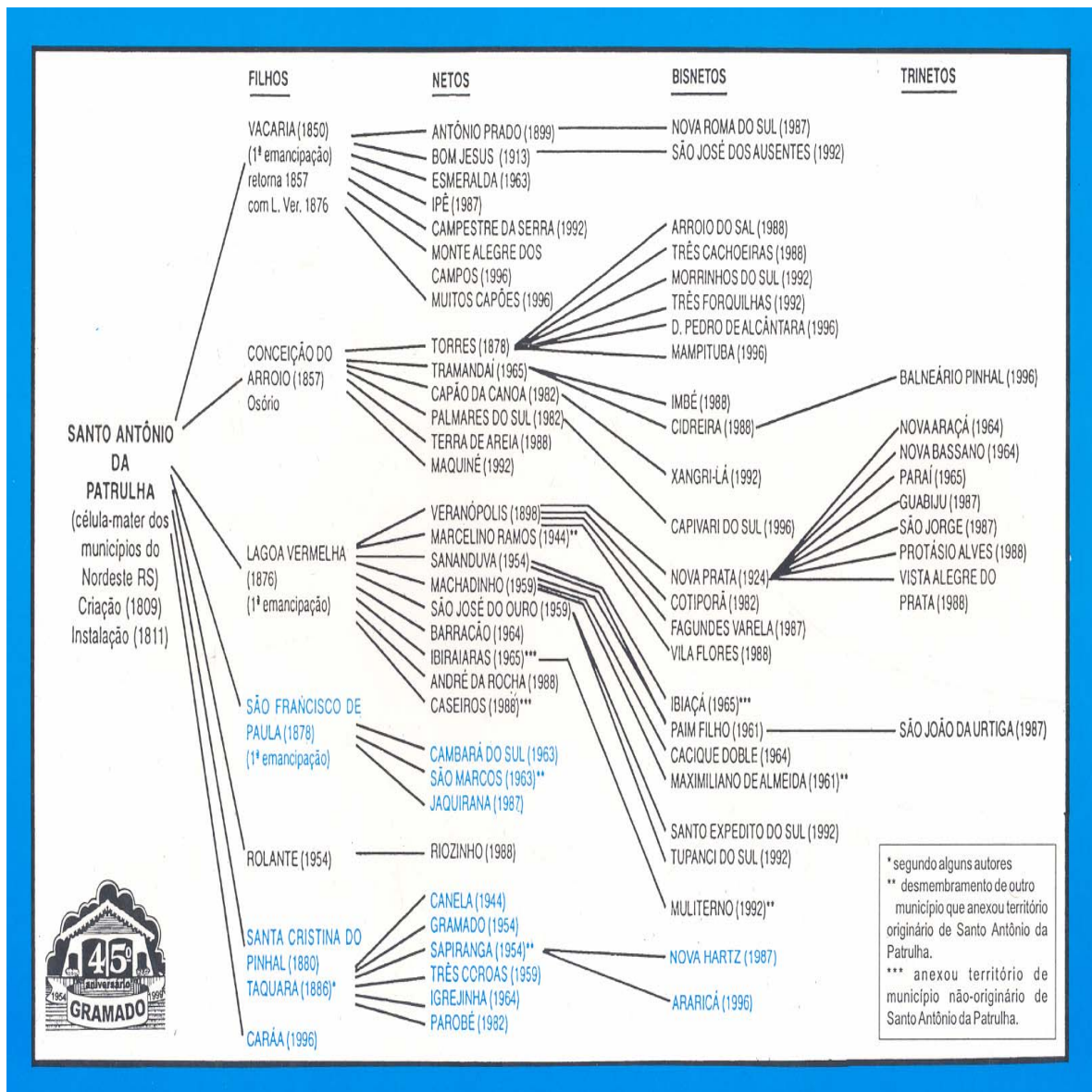


Figura 1 - Quadro político das terras de Gramado.

Fonte: MACIEL e DAROS, 1999, capa externa.

### 1.3 Gramado: Colônia por Assimilação

A assimilação dessa expressão pelo homem rural está intimamente ligada a questões do passado. Entretanto a pesquisa constatou que esse elemento constitutivo da identidade não está vinculado às questões teóricas. Passa longe dessa comunidade o entendimento que as autoras Loraine Slomp GIRON e Heloísa BERGAMASCHI<sup>6</sup>, estabelecem sobre o tema. Dizem elas que antes da Independência do Brasil a expressão colônia estava ligada à metrópole por questões políticas e econômicas.

Segundo elas, as terras brasileiras:

Era o espaço da exploração econômica da produção e o da sujeição dos nativos e de sua cultura aos conquistadores e por seu turno, colonizador aquele que cultiva a terra e a possui é também o conquistador que escraviza o nativo, destrói a sua cultura e impõe a ele a sua própria cultura [...]<sup>7</sup>.

Este assunto também é abordado por NOVAIS,

[...] a Colônia (Brasil) seria parte de um Império, economia complementar da Metrópole, onde realizar-se-ia a produção necessária para a economia da Metrópole. Região sujeita a mecanismos de controle e de exploração determinados pela Metrópole<sup>8</sup>.

Afora essa relação econômica diretamente vinculada a expropriação, há também a definição que envolve o homem a terra. Segundo BOSI<sup>9</sup>,

<sup>6</sup> GIRON, Loraine Slomp; BERGAMASCHI, Heloísa (Orgs.). **Colônia um Conceito Controverso**. Caxias do Sul: EUCS, 1996. p. 14.

<sup>7</sup> GIRON e BERGAMASCHI, 1996. p. 16.

<sup>8</sup> NOVAIS, Fernando. O Brasil nos Quadros do Antigo Sistema Colonial. In: Brasil em Perspectiva. São Paulo: Difel, 1985, p. 49-63. In: GIRON, Loraine Slomp; BERGAMASCHI, Heloísa (Orgs.). **Colônia um Conceito Controverso**. Caxias do Sul: EDUCS, 1996. p. 15.

<sup>9</sup> BOSI apud GIRON, Loraine Slomp; BERGAMASCHI, Heloísa (Orgs.). **Colônia um Conceito Controverso**. Caxias do Sul: EUCS, 1996. p. 24.

“Colo” significou na língua romana, eu moro, eu ocupo a terra, reportando-se a ocupação efetiva do espaço, transformado paulatinamente em lugar de suas realizações. Contudo o mesmo radical “colo” impõem que a colônia é a sujeição do indivíduo ao trabalho.

Um outro aspecto que serviu para a fixação do termo colônia, foi a situação política do Brasil após a independência.

Em 7 de setembro de 1822, é proclamada a Independência do Brasil. Os laços políticos com a metrópole estavam definitivamente rompidos. Neste momento rompe-se também a sujeição com Portugal no que diz respeito à economia e a política, o que só teve seu efeito derradeiro em 1826, após a Constituição de 1824. A criação de colônias era prerrogativa do imperador. Tal exclusividade encontrou ressonância no parlamento, fato que contribuiu para a abertura de colônias oficiais, que no período entre 1822 a 1830, segundo GIRON, formaram-se sete<sup>10</sup>.

Esta política, por questões orçamentárias não duram por muito tempo. Em 1834 foi concedido às Assembléias Legislativas Provinciais *o direito do estabelecimento de colônias*<sup>11</sup>, permanecendo, entretanto, as ordens do imperador. A criação das colônias não serviu apenas de um novo modelo agrícola, serviu também para colocar as bases do povoamento da Província da São Pedro.

A produção agrícola colonial estava destinada a suprir às necessidades básicas internas, restando proibido a exportação, eis que o mercado externo era suprido com a produção do latifúndio, com a mão-de-obra escrava. Essa transmutação econômica modificará também o restante da sociedade, pois o modo de produção colonial diferia fundamentalmente

---

<sup>10</sup> GIRON; BERGAMASCHI, 1996. p. 19.

<sup>11</sup> *Ibidem*, p. 19.

do restante do Brasil; trabalho livre e propriedade privada eram características dos espaços coloniais, em especial a partir da introdução de imigrantes provenientes da Alemanha e posteriormente da Itália.

Embora todas essas construções pertençam ao campo político, o imigrante italiano e seus descendentes assimilaram dois fatores fundamentais: a propriedade privada que garantiu a sua independência e a produção de alimentos e bens que lhes garantiria a sobrevivência, com possibilidade de acúmulo de capital. Esses elementos ainda hoje fazem parte do seu ideário, os quais são formas concretas de manter um elo entre o passado e o presente.

A essência do processo imigratório é idêntica a todas as demais etnias. No Rio Grande do Sul, os italianos chegaram aproximadamente 50 anos depois que os germânicos, em 1875, muito embora Núncia Santoro de CONSTANTINO<sup>12</sup> registre a presença dos peninsulares bem antes desse marco sul-rio-grandense.

A imigração italiana, por ser tardia, aparece num contexto político-econômico complexo, o advento da Lei nº 601, de 18 de setembro de 1850 – conhecida como Lei de Terras – serve de exemplo. No Rio Grande do Sul, o minifúndio como forma introdutória de assentamento, tem a função de encaminhar a produção para suprir as necessidades básicas possibilitando assim não só o alargamento das relações de produção como também para dar corpo à efetiva ocupação das terras mais altas e escarpadas do Estado. O excedente da produção aos poucos viria a ser comercializado.

---

<sup>12</sup> CONSTANTINO, Núncia Santoro de. **Gli Italiani Nelle Città – L'immigrazione Italiana Nelle Città Brasiliane**. Perugia: Guerra, 2001.



CONSTANTINO<sup>13</sup> reproduz o Decreto Imperial n° 6.129, de 1876 segundo o qual:

[...] organizará o escritório de Inspeção Geral de Terra e Colonização, com o escopo de orientar, de maneira uniforme, a imigração e a colonização [...] todos os serviços que tratasse sobre a colonização, sobre a imigração espontânea ou de iniciativa privada deveria ser coordenada pelo escritório da inspetoria.

Intencional ou não, esse Decreto além de orientador, possibilitou as autoridades um mapeamento sistemático no que dizia respeito à distribuição das terras evitando a repetição das questões agrárias há muito vivenciado na península italiana diante da conturbada Unificação italiana. Segundo IOTTI, “a imigração italiana, ocorrida no Brasil... inseriu-se neste contexto”<sup>14</sup>, ou seja, às mudanças estruturais impostas pela expansão do capitalismo na Europa, em especial na Itália. Delineadas as bases políticas da corrente imigratória italiana existem diferenças profundas entre o que ocorreu nos Estados da região Sudeste e na região Sul.

São esclarecedoras as palavras de LAZZARI<sup>15</sup> segundo a qual afirma que:

Colonizar é então introduzir imigrantes para suprir mão-de-obra inexistente na grande lavoura, como no caso de São Paulo e Rio de Janeiro e, de outra forma, estabelecer imigrantes em terras que lhe eram concedidas, com a finalidade de explorá-las em um novo regime de produção, de trabalho e de povoamento, como no caso do Rio Grande do Sul, por exemplo.

Alcançando outro olhar sobre o tema, é importante acrescentar às palavras de Vânia Beatriz Merlotti HERÉDIA<sup>16</sup>, a qual sustenta que as razões políticas e econômicas da imigração italiana no Rio Grande do Sul. Diz ela que:

<sup>13</sup> CONSTANTINO, Núncia Santoro de. **Gli Italiani nelle città – L’immigrazione Italiana nelle Città Brasiliane**. Perugia: Guerra, 2001. p. 34.

<sup>14</sup> IOTTI, Luiza Horn (Org.). **Imigração e Colonização, de 1747-1915**. Porto Alegre: EDUCS, 2001. p. 26.

<sup>15</sup> LAZZARI, Beatriz Maria. **Imigração e Ideologia. Reação do Parlamento Brasileiro à Política de Colonização e Imigração (1850-1875)**. Dissertação. Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1977. p. 15.

<sup>16</sup> HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti. A Imigração Européia no Século Passado: O Programa de Colonização no Rio Grande do Sul. **Nova Scripta Revista Bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales**, Barcelona: Universidad de Barcelona, 2001.

[...] A colonização européia no Nordeste do Rio Grande do Sul começou a partir de 1870, por iniciativa do governo imperial, fruto de uma política de ocupação das terras devolutas, decorrente da Lei de Terras de 1850. A política de ocupação, promovida por D. Pedro I e por D. Pedro II apresentou diferenças nos vários estados onde houve concentração de imigrantes. No estado de São Paulo, o intuito era de fornecer um contingente de mão de obra especializada para a grande lavoura do café, ameaçada pelo movimento abolicionista. No Estado do Rio Grande do Sul, o processo colonizatório visava formar colônias agrícolas, produtoras de gêneros necessários ao consumo interno, implantadas longe do latifúndio.

Observa-se que o ritmo econômico do Brasil já estava alicerçado, não só no fluxo de imigrantes e na ocupação dos minifúndios, mas sedimentava fundamentalmente a ampliação das relações onde a produção passou a incentivar a circulação da moeda, uma das propostas política da Nação.

Evidencia-se dessa forma que os italianos ao se estabelecerem na região Nordeste do Estado, e que depois passaram a ocupar as terras de Gramado eram, na sua grande maioria, camponeses afeitos à terra que na Itália, foram deixados, à margem do processo industrial. Dentro dessas características contribuíram para estender a formação de *colônias agrícolas* para estrangeiros. Segundo HERÉDIA<sup>17</sup>, “o processo de colonização no Rio Grande do Sul foi fundado sob o regime da pequena propriedade através da mão de obra familiar”. Essa estrutura político-social enquadra-se perfeitamente às origens das terras de Gramado.

---

<sup>17</sup> *Ibidem.*



**Figura 2 - Vista parcial do Povoado de Gramado – 1925. Primeiro plano à esquerda – Casa da família Zatti. No plano central, casa de Antonio Accorsi.**

Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal João Leopoldo Lied-PMG.

#### 1.4 Colonos Italianos: Passageiros da Política

Os caminhos para justificar a presença de italianos nas terras de Gramado, remetem a questões não só territoriais, mas também como resultado de dois modelos; o Primeiro, como fruto da ideologia política pré-republicana esboçada por LAZZARI<sup>18</sup>. O Segundo, como resultado da política republicana, a qual se revela por dar autonomia às antigas províncias, gestoras, portanto, de uma economia à base da exploração do minifúndio. Diante de tais

<sup>18</sup> LAZZARI, Beatriz Maria. **Imigração e Ideologia – Reação do Parlamento Brasileiro à Política de Colonização e imigração (1850-1875)**. Porto Alegre: EST/UCS, 1980.

mecanismos, é sintomático que a partir das últimas décadas do século dezanove às primeiras do século passado, a movimentação de italianos passa a ser cada vez maior, independentemente das divisões geopolíticas a que estavam ligados seus genitores. Essas ações permitiram o alargamento do mapa demográfico a ponto de reescrever os espaços e mesclar etnias.

O homem é o único entre os seres vivos que detém a faculdade de escolhas. Essas, entretanto, dependem de diversas condições; e a sobrevivência é uma delas. Reproduzir nesse momento as dificuldades, os temores e acima de tudo os procedimentos estampados no capítulo historiográfico que trata a imigração de italianos no Rio Grande do Sul, em especial a comunidade que se instalou na região Nordeste do Estado, é no mínimo, superlativo, pois que significa repetir sistematicamente o que já está escrito. Não obstante, é necessário objetivar as condições, o porquê e as razões que levaram os filhos de italianos a se radicarem nas terras de Gramado e como se desenvolveram.

A historiografia do município<sup>19</sup> aponta José Nicoletti Filho como peça chave. Filho de Giuseppe e Tereza Nicoletti, imigrantes italianos, chega ao Brasil com aproximadamente oito anos de idade. Segundo ZATTI<sup>20</sup>, o avô entra na Revolução Federalista como maragato e sai como federalista. Torna-se próximo do Coronel Diniz Martins Rangel, que na época respondia pela intendência de Taquara do Mundo Novo. Chega ao posto de Delegado em 1904 e, atraído pelo convite do Presidente do Estado Antonio Augusto Borges de Medeiros, aceita o convite para cuidar da administração do povoado de Gramado. O depoimento de ZATTI aponta que o Major veio transferido em 1º de agosto de 1904 e instala-se,

---

<sup>19</sup> ZATTI, José Augusto. **Depoimento prestado no I Encontro Raízes de Gramado**. Gramado, 1992. p. 41 e segs. (Neto do Major).

<sup>20</sup> *Ibidem*, p. 42.

provisoriamente, na Linha Nova. KOPPE<sup>21</sup>, diz que haviam algumas famílias italianas radicadas na localidade de Linha Nova. Essa informação encontra eco nas palavras de BLUM<sup>22</sup>, ao afirmar que no início do século algumas famílias resolveram partir da Linha Nova para outras Linhas mais favoráveis à agricultura. Outro fato que dá sustentação à presença de italianos na região é a escola Estadual João Benetti Sobrinho que leva o nome do doador das terras sobre a qual está construída e, cujos descendentes lá se encontram em várias propriedades.

A distância que separa os municípios de Gramado e Taquara é de aproximadamente cinquenta quilômetros, duplicado no passado, pelas condições topográficas. A política de transferência que seria aplicada pelo município sede, implicava fundamentalmente em alterar o cotidiano das famílias de agricultores lá instaladas. Diante desse fato era necessário alguém com visão de mundo, com autoridade lastreada por uma ordem militar, e fundamentalmente com tenacidade. Essa transferência teve como implicação política, a fundação oficial da sede do 5º Distrito de Taquara e como implicação política, a fundação oficial da sede do 5º Distrito de Taquara e como implicação econômica, o início do traçado da estrada de ferro<sup>23</sup> proveniente de Taquara cujo destino final a cidade de Canela<sup>24</sup>, encampada pelo Coronel João Correa.

---

<sup>21</sup> KOPPE, Iraci Casagrande. **Depoimento**. Gramado, 12 mar. 2004.

<sup>22</sup> BLUM, Germano Marcolino. **Gramado, Simplesmente Gramado**. Gramado: Prefeitura Municipal de Gramado/SMEEC, 1987. p. 171.

<sup>23</sup> Implantada entre os anos e 1919 e 1920. Desativada nos anos 60.

<sup>24</sup> Distante 7 km do município de Gramado.



**Figura 3 - Plano geral da Avenida Borges de Medeiros – 1930.**  
**No primeiro plano os trilhos da ferrovia que ligava Taquara/Canela.**  
 Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal João Leopoldo Lied-PMG.

Ao trazer esse personagem, como responsável pela reorganização do povoado, como elemento intermediário entre poder público e o homem sobre o qual recai a ordem, é necessário buscar em AMADO<sup>25</sup> as lições que dão conta da importância da história regional, a qual, segundo ela lida com as diferenças e com a multiplicidade.

A resistência desse contingente humano em mudar da localidade de Linha Nova para a sede criada por Nicoletti não é encontrada na documentação oficial. É provável que essa versão tenha entrado no contexto histórico do município, fruto de uma interpretação equivocada, extraída de uma anotação que Nicoletti deixou.

---

<sup>25</sup> AMADO, Janaina et al. **República em Migalhas – História Regional e Local, História e Região: Reconhecendo e Construindo Espaços.** São Paulo: Marco Zero, 2001. p. 12-13.

No registro consta o seguinte:

[...] o amigo ordenou-me que me colocasse na Linha Nova e que escolhesse um lugar para fundar a sede do 5º Distrito. Duros oito anos tratando de estudar um local apropriado para a instalação da sede. E, depois de bem ponderada e estudada a conveniência geral dos habitantes do Distrito, escolhi Gramado para o ponto central do mesmo, apesar de ser contra o gosto de muitos mas, como administrador e homem público, eu tinha que olhar o bem da coletividade, mesmo que isso implicasse em prejuízo dos meus próprios interesses...[...] lembro-lhe as palavras do nosso bom amigo, Coronel João Correa, quando em 1911 fui por ele procurado para vir mostrar-lhe os pontos determinantes e obrigatórios por onde deveria passa a estrada de ferro que pretendia construir de Taquara a Canela [...] Passeando nós dois a cavalo aqui em Gramado... eu lhe disse que este era um dos pontos que a estrada deveria passar, por ser o ponto mais baixo... Nessa conversa, disse ao Coronel Corrêa, que esse era o ponto escolhido para fundar-se a sede do 5º Distrito, ao que, disse-me ele **que eu não fosse louco de fundar uma sede no meio do mato e bandidos** e pediu-me que eu me fosse colocar em Canela e que ia me fazer casa para morar e um potreiro para meus animais, ao que respondi-lhe que já de várias pessoas tinha recebido idênticos oferecimentos, mas como homem público e administrador, não podia aceitar...<sup>26</sup> (Grifo do autor).

Quanto ao mato existente onde hoje se localiza o centro urbano é verídica a informação. BROILO<sup>27</sup> e KOPPE dizem que em boa parte da atual Avenida Borges de Medeiros, havia muitos charcos, banhados, os quais foram aterrados com xaxim, com toras de eucaliptos e pedras e que, com o desmatamento que dava lugar as casas, foram aparecendo.

Outro dado relevante, que marca a presença de descendentes italianos na vida política de Gramado, é a participação de Mozè Bezzi<sup>28</sup>, comerciante, eleito ao cargo de Conselheiro, pelo Quinto Distrito de Taquara, no pleito realizado em 21 de outubro de 1928<sup>29</sup>. Mais tarde, em 1953, novamente é marcante a presença de descendentes de italianos no processo emancipatório. Em 16 de outubro de 1953, apresentam-se como integrantes da

<sup>26</sup> ZATTI, José Augusto. **Raízes de Gramado**. Gramado: Prefeitura Municipal de Gramado, 1992. p. 43.

<sup>27</sup> BROILO, Décio. Depoente - Sapateiro há mais de 50 anos. In: ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JOÃO LEOPOLDO LIED. **Gramado Contado por sua Gente**. Documentário realizado pela Prefeitura Municipal de Gramado alusivo ao Cinquentenário de Emancipação Política, 2004.

<sup>28</sup> A família BEZZI, tem presença registrada nas terras de Gramado nos primeiros anos do século XX, no lugar denominado Várzea Grande.

<sup>29</sup> ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JOÃO LEOPOLDO LIED. **Parecer do Conselho Municipal de Taquara de 7 de novembro de 1928**. N° de votos: 2.145. Gramado, 1928.

Comissão Pró-emancipação de Gramado<sup>30</sup>, os senhores Walter Bertoluci, presidente, Hugo Daros, Secretário e Euzébio Balzaretto, Tesoureiro.

O plebiscito que compõem o processo emancipatório, aponta um total de dois mil e setenta e cinco eleitores. Através dessa consulta popular, duzentos e sessenta eleitores<sup>31</sup> com

<sup>30</sup> ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JOÃO LEOPOLDO LIED. Assembléia Legislativa – Diretoria dos Serviços Legislativos. **Projeto de Lei nº 383/54, Processo 1.369.** (Cópia). Gramado.

<sup>31</sup> ACCORSI, Antonio, industrialista. ACCORSI, Anna Darcie, doméstica. ACCORSI, Clary, doméstica. ACCORSI, Gercy, marceneiro. ACCORSI, Osmar, vimeiro. BALZARETTI, Alcides Alberto, industrialista. BALZARETTI, Virgílio, industrialista. BAQUI, Reinaldo, comerciante. BARBACOVÍ, Ermelinda, funcionária pública. BARBACOVÍ, Ivo Antonio, pedreiro. BARBACOVÍ, Vitório, agricultor. BARETTA, Albano, agricultor. BASEI, Antonio, agricultor. BASEI, Raymund o Sobrinho, agricultor. BAZZAN, Adolfo, agricultor. BAZZAN, Ernesto, agricultor. BAZZAN, Romildo, agricultor. BENETTI, Adonis Tereza, escrituraria. BENETTI, Antônio, agricultor. BENETTI, Ângelo, agricultor. BENETTI, Cristiano, agricultor. BENETTI, Daniel Antonio, agricultor. BENETTI, Darci, agricultor. BENETTI, Eugênio, comerciante. BENETTI, José, lavrador. BENETTI, Luiz, agricultor. BENETTI, Otávio, agricultor. BENETTI, Santo, agricultor. BENETTI, Serafim, agricultor. BENETTI, Victorio, agricultor. BERTTI, Fortunato, agricultor. BERTOLDI, Pedro, agricultor. BERTOLDI, Reynaldo, agricultor. BERTOLUCCI, Amábil, doméstica. BERTOLUCCI, Angelina, doméstica. BERTOLUCCI, Arthur, industrialista. BERTOLUCCI, Carmem, doméstica. BERTOLUCCI, Cesário, agricultor. BERTOLUCCI, Eliseu Antonio, comerciante. BERTOLUCI, Henrique, industrialista. BERTOLUCCI, Henrique Sobrinho, industrialista. BERTOLUCCI, Irma, doméstica. BERTOLUCCI, Ivo, industrialista. BERTOLUCCI, Lauri Eugênio. Ilegível. BERTOLUCI, Maria Boff, doméstica. BERTOLUCCI, Nelson, contador. BERTOLUCCI, Pierina. BERTOLUCCI, Silene Daros, doméstica. BERTOLUCCI, Hugo, industrialista. BERTOJA, Lacy Bertolucci, doméstica. BERTOLUCCI, Lurdes Santinha, doméstica. BERTOJA, João Francisco, industrialista. BEZZI, Adelina, doméstica. BEZZI, Antonio Pedro, ferreiro. BEZZI, Francisca, doméstica. BEZZI, Henriqueta, doméstica. BEZZI, Ilso, comerciante. BEZZI, Luiz, industrial. BEZZI, Pedro, comerciante. BISOL, Eduardo Alfredo, comerciante. BISOL, Lino, comerciante. BISOL, Luiz João, comerciante. BISOL, Ângelo, industrialista. BISOL, Graziela Pasqual, doméstica. BOFF, Ângelo, pintor. BOFF, João, agricultor. BONATTO, Ângelo, agricultor. BONIATTI, Setembrino, marceneiro. BORDIN, Alma Rosa Bertolucci, doméstica. BOSCHETTI, Ângelo, agricultor. BRANCHINI, Alexandre, agricultor. BRANCHINI, Josefina Maria Niclotti, doméstica. BREZOLLA, João Batista, agricultor. BREZOLLA, Valdomiro, agricultor. BROILO, Eusébio, agricultor. CABERLON, Benjamim, agricultor. CABERLON, Daniel, agricultor. CABERLON, João, agricultor. CALGARO, Jacob, agricultor. CALGARO, Tranqüilo, agricultor. CANDIAGO, Cláudio Pedro, bancário. CANDIAGO, Pedro, comerciante. CANDIAGO, Rotilde Eugênia, doméstica. CASAGRANDE, Alberto, comerciante. CARASAI, Ângelo, Filho, agricultor. CASAGRANDE, Eugênio, operário. CASAGRANDE, Josephina Iracy, doméstica. CASAGRANDE, Mansueto. CASAGRANDE, Pedro, comerciante. CASAGRANDE, Regina, doméstica. CASAGRANDE, Teresa, doméstica. CASAGRANDE, Vicente, comerciante. CASIRAGHI, Ângelo, agricultor. CASIRAGHI, Antonio, agricultor. CASIRAGHI, José, agricultor. CATUCCI, João, agricultor. CATUCCI, Primo Vicente, agricultor. CAVALLI, Alfredo, agricultor. CAVICHIONI, Guilherme, agricultor. CAVICHIONI, Luiz, agricultor. CICAROLLI, Arthur, agricultor. COMIOTTO, Adelina, doméstica. CRISTOFOLLI, Fioravante, agricultor. CRIVELATTI, Adelino, agricultor. DEBARBA, Júlio Alfredo, agricultor. DALLAROSA, Carmela Thomazzi, doméstica. DALLAROSA, Querino, agricultor. DALLE MOLLE, Orestes, comerciante. DAL-RI, Albina, doméstica. DAL-RI, Carolina, doméstica. DAL-RI, Ilso, comerciante. DAL-RI, Guilherme, comerciante. DAL-RI, Milse, doméstica. DAL-RI, Nelson, agricultor. DAL-RI, João, agricultor. DAROS, Soely Accorsi, doméstica. ECKER, Hilário Júlio, agricultor. ECKER, Abel, agricultor. FATTORI, Primo, agricultor. FATTORI, Octavio, agricultor. FERRARI, Augusto, agricultor. FERRARI, Dionísio, agricultor. FERRARI, Ferdinando. FIOREZI, João, comerciante. FIOREZI, Mário, agricultor. FRANCIOZI, Atílio, agricultor. FOSS, Albano José Cesário, agricultor. FOSS, Honorato, agricultor. FOSS, Natalício, agricultor. GABRIELLI, Irai, estudante. GALLAS, Oscar José, operário. GALGARO, Francisco, agricultor. GHESLA, Alfredo Querino, agricultor. GHESLA, Claudina, doméstica. GHESLA, João, agricultor. GIACOMETTI, Almiro José de, agricultor. GIACOMETTI, Evaristo de, agricultor. GIACOMETTI, Luiz de, agricultor. LAZARETTI, Celeste, agricultor. LAZARETTI, Vitório, agricultor. LAZARETTI, Rosa, professora. LIBARDI, Aquilino, pedreiro. LIBARDI,



sobrenomes italianos votaram o que representa doze vírgula cinco por cento do contingente eleitoral. Percebe-se que a comunidade italiana foi maciça.

---

Hilário, agricultor. LIBARDI, Leodoro, agricultor. LIBARDI, Luiz Filho, agricultor. LIBARDI, Raymundo, agricultor. LOVATTO, Anselmo, agricultor. LOVATTO, Benedito, agricultor. LOVATTO, Domingos, agricultor. LOVATTO, Honorato, agricultor. LOVATTO, Pedro Augusto. LOVATTO, Santo, agricultor. LOVATTO, Tranqüilo, agricultor. LOVATTO, Vitório, agricultor. MANÉA, Alberto, agricultor. MANÉA, João, agricultor. MARCADENTI, Hilário, agricultor. MARCADENTI, José, agricultor. MARCON, José, agricultor. MASOTTI, Agostinho, agricultor. MASOTTI, Daniel, agricultor. MASOTTI, José Ângelo, agricultor. MASOTTI, Josefina Piccoli, doméstica. MASOTTI, Maximo, agricultor. MASOTTI, Raul Antonio, agricultor. MASOTTI, Zulmiro, vimeiro. MASOTTI, Irineo, industrialista. MASOTTI, Dalice, doméstica. MAZOTTI, Adelina Benetti, agricultora. MAZURANA, Carmelina Rissi, funcionária municipal. MAZURANA, Francisco, funcionário municipal. MELARA, João, sapateiro. MELARA, Remi Francisco, sapateiro. MONARETTO, Augusto, agricultor. MONARETTO, Germano, agricultor. MONARETTO, João Batista, agricultor. MOSCHEM, Anselmo, mecânico. MOSCHEM, Arnildo, agricultor. MOSCHEM, Eduardo, agricultor. MOSCHEM, Ilário, agricultor. MOSCHEM, João, agricultor. MOSCHEM, Leopoldo, agricultor. MOSCHEM, Querino, agricultor. NEGRI, Guerino, agricultor. NICLOTTI, Augusto, agricultor. NICLOTTI, José, agricultor. ORLANDI, Augusto, agricultor. PARISENTI, Paulo, agricultor. PARMEGIANI, Abel, agricultor. PARMEGIANI, José, industrialista. PARMEGIANNI, Silvério, moleiro. PASQUAL, Barthyra Bisol, doméstica. PASQUAL, Cláudio, comerciante. PASQUAL, Ludovino, funcionário público. PERINI, Hermida Zatti, doméstica. PERINI, José Francisco, industrial. PETEFFI, Claudino, agricultor. PETEFFI, Waldemar, agricultor. PORTOLAN, Mariana, doméstica. PREZZI, Atílio, agricultor. PREZZI, Henrique, ferreiro. RAMA, Alexandre, agricultor. RISSI, Faustino, agricultor. ROLDO, Antonio, agricultor. ROLDO, Leopoldo, agricultor. ROLDO, Luiz, agricultor. ROLDO, Luiz Pedro, agricultor. ROLDO, Rafael, agricultor. ROSSA, Alfredo, agricultor. ROSSA, Alfonso, agricultor. ROSSA, Antônio, agricultor. ROSSA, Geraldo, agricultor. ROSSA, Henrique, agricultor. ROSSA, Isidoro Filho, agricultor. ROSSA, Pedro, agricultor. ROSSA, Octavio, agricultor. ROSSI, Adelino, agricultor. ROSSI, Modesto, agricultor. ROSSI, Octavio, agricultor. SACHET, João, agricultor. SARTORI, Ângelo, agricultor. SARTORI, Pedro, comerciante. SIRONI, Oscar, ferreiro. SIRONI, Elvira, doméstica. TEGNER, Henrique, agricultor. TEGNER, Pedro, agricultor. TISOTT, Eduardo, ferreiro. TISOTT, Luiz, agricultor. TISOTT, João, pedreiro. TISOTT, Pedro, agricultor. TOMAZELLI, Augusto, agricultor. TOMAZELLI, Celestino, pedreiro. TOMAZELLI, Ernesto Simão, agricultor. TOMAZELLI, Pedro, agricultor. TOMAZI, Angelino, agricultor. TOMAZINI, Cesare, agricultor. TOMAZINI, Ernesto Luiz, agricultor. TOMAZINI, Francisco, agricultor. VALENTINI, Izaura, comerciar. VALENTINI, Maria Sironi, doméstica. VETORAZZI, Vidal, agricultor. SBABO, Caetano, comerciante. SBABO, Maria, doméstica. SBABO, Miguel, industrialista. SCARIOT, João, agricultor. SETTI, Armindo, agricultor. TISOTT, Carlos, seleiro. TRENTIN, Idelfonso, agricultor. TRENTIN, João, agricultor. VALENTINI, Lordes, professora. VALENTINI, José, lavrador. ZANATTA, João José, agricultor. ZANATTA, Júlio, marceneiro. ZATTI, Célia Nicoletti, doméstica. ZATTI, Clodoveu, comerciante. ZATTI, Francisco Alexandre, industrialista. ZATTI, Remy Henrique, industrialista. ZATTI, Rosa Cecília, doméstica. ZATTI, Zeli Rosa, doméstica. ZORZANELLO, Alfredo, comerciante. Não consta dessa relação, mulheres cujo sobrenome da casa paterna não são de origem italiana.

## **2 O ITALIANO NA CIDADE: RECONSTRUÇÃO DA EXPERIÊNCIA**

### **2.1 Práticas Cotidianas – Componentes Necessários da Lembrança**

A pequena propriedade foi uma das características marcantes da colonização no Estado. Nas terras de Gramado não foi diferente. Comum também foi o número de filhos, que eram necessários para o trabalho, especialmente na roça ou sob as parreiras.

O centro urbano de Gramado, no início, não diferiu dos demais vilarejos espalhados pelo Estado, fossem esses assentamentos de italianos, germânicos ou qualquer outra etnia. O fornecimento do excedente da produção permitiu as famílias do interior a formação de uma modesta poupança. Assim, os hotéis e as casas de veranistas além do mercado tradicional recebiam ovos, banha, salames, queijos, manteiga, verduras entre uma infinidade de outros produtos. O aumento desse comércio se intensificou depois da chegada do trem, nos anos vinte.

Gramado, assim como Canela, passam a receber um número de pessoas cada vez maior e mais exigente e, aos poucos, o cotidiano dessas duas comunidades passa por metamorfoses. As famílias mais abastadas de Porto Alegre, Novo Hamburgo e São Leopoldo começaram a construir casas nos arredores do centro da Vila. O crescimento de Gramado é favorecido pelo estabelecimento da Vila Planalto, primeiro loteamento, cuja iniciativa deve-se a Leopoldo Rosenfeld, cumprindo encargo dos herdeiros da baronesa Joaquina Rita Bier.

A ligação entre o agricultor e o veranista passa a se estreitar; um e outro se conhecem pelos nomes. Nair PERINI<sup>32</sup> informa que “*por anos, sua família serviu hotéis e casas de veranistas*”. Nessas casas, principalmente no verão, os Perini entregavam cestos de uvas, além de verduras.. Diz ela que a família Neugebauer<sup>33</sup> “*os visitava sempre que vinham para Gramado e faziam pelo menos uma refeição em sua casa*”. O bolo comemorativo aos cinquenta anos de casamento dos pais da depoente, “*foi a senhora Neugebauer que confeccionou*” finaliza.

Essa passagem mostra o eixo que se estabeleceu entre o homem do interior no espaço de circulação pública de Gramado. O homem urbano, aqui entendido exclusivamente o veranista, e o homem rural passaram a se tratar de modo informal fazendo com que essas relações, de ambos os lados, se direcionassem para as transformações do morador da região e das suas atividades econômicas. Entretanto, o estabelecimento das relações de trabalho não foi suficiente para manter o poder econômico do agricultor.

---

<sup>32</sup> PERINI, Nair. (76 anos). **Depoente**. Residente em Gramado.

<sup>33</sup> Fabricantes dos Chocolates Neugebauer –Porto Alegre.



**Figura 4 - Bodas de Ouro de Angelina e Francisco Perini – 1965 (sentado) – da direita para a esquerda: Jaime Olavo Perini, Valeska de Calazans Perini, ao fundo, Pedro Zanatta, Cecília Zanata, Nair Perini, Lauri Casagrande, José Francisco Perini, Ermida Zatti Perini, Zilla Therezinha Casagrande, ao fundo: Julio Carniel, Pierina Carniel, ao fundo: Emílio Moraes, Jsephina Perini Moraes, Francisca Perini, ao fundo: Iria Perini Zanatta, Divino Zanatta, Otília Perini Achermann e Irma Perini Zanata.**

Fonte: Acervo do Autor.

No curso dos anos, principalmente a partir dos anos setenta, a cidade passa por uma nova ordem econômica, desenvolvendo um comércio voltado para o turista. Do início dos anos setenta em diante, a zona rural em geral, vai perdendo seus elementos: rapazes e moças passam a exercer atividades remuneradas. Os artesanatos em madeira e vime, e a proliferação das malharias serviram de importantes instrumentos de sobrevivência.

Em 1970, a população de Gramado era de 12.378 habitantes. Desse total, 7.917 estavam assentados na zona urbana e 4.461, na zona rural. Em 1980, a zona urbana contava com 11.302 e a rural com 4.987, totalizando 16.289 habitantes<sup>34</sup>. O curso demográfico

<sup>34</sup> ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JOÃO LEOPOLDO LIED. **Gramado - Censo Demográfico do Rio Grande do Sul 1970**. IBGE, Rio de Janeiro, 1973. p. 2.

demonstra que, entre os anos de 1981 e 1990, a população urbana e rural estava assim dividida:

Tabela 1 – A população urbana entre os anos de 1981 e 1990

ANO	POPULAÇÃO URBANA	POPULAÇÃO RURAL	TOTAL
1981	11.503	5.076	16.579
1982	11.707	5.166	16.873
1983	11.914	5.257	17.172
1984	11.125	5.350	17.475
1985	12.339	5.444	17.783
1986	12.556	5.540	18.096
1987	12.776	5.638	18.414
1988	13.000	5.736	18.736
1989	13.227	5.837	19.064
1990	13.458	5.938	19.397

Fonte: ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JOÃO LEOPOLDO LIED, 1973, p. 2.

Não há, entretanto, no mesmo período, dados que apontem o número de jovens que deixaram a casa paterna para virem trabalhar na cidade. Essas pessoas, em grande parte jovens agricultores de origem germânica e italiana, tiveram um papel fundamental no sentido de distribuir a força de trabalho.

Segundo ROLDO<sup>35</sup>, “o estudo foi importante. Saíamos de casa para vir estudar no centro. Não havia ônibus como hoje, mas sempre tinha alguém para dar carona. Mas isso foi muito tempo depois”.

O depoente refere que trabalhava com seu pai na coleta de leite pelas colônias. Diz ele:

<sup>35</sup> ROLDO, Camilo. (47 anos). **Depoente**. Residente em Gramado.

*“[...] levantava cedo e, antes do sol aparecer já tinha vários litros sobre o caminhão. A vida era sacrificada e na primeira oportunidade que apareceu, fui trabalhar na cidade quando abriu uma vaga na Caixa Econômica Estadual. Por anos trabalhei no caixa e aproveitei a oportunidade para seguir os estudos junto a Universidade”.*

Os anos setenta foi um divisor de águas na vida da comunidade gramadense; a cidade como um todo passa a investir no turismo. Esse investimento tem como carro-chefe o Festival de Cinema<sup>36</sup>, evento que passa a cooptar não só um público especializado, entre eles a mídia nacional.

ZORZANELLO<sup>37</sup> relata:

*o festival se deu em 1968, quando ocorreu uma “mostra” no Cine Embaixador. A idéia foi tomando corpo e em janeiro de 1973, foram exibidos filmes em competição. A idéia era incentivar o turismo durante os meses de dezembro, janeiro e fevereiro, pois a cidade e região perdiam espaço para o litoral. Abrimos o evento em meio uma vida política singular pois a censura era rigorosa e os diretores a denunciavam através de seus filmes.*

Segundo ele, “ninguém, naquela época, tinha a idéia de que o evento chegaria ao ponto que chegou”.

A imprensa, registra ZORZANELLO, foi peça importante neste processo.

*Não havia dinheiro para pagamento das matérias, diz ele, e resolvemos então convidar esse segmento sem que ninguém pagasse um centavo. Os atores, diretores, repórteres e jornalistas dos principais meios de comunicação do centro do País vieram em peso. A cidade fervilhava; os restaurantes e os hotéis lotaram. De lá para cá, o festival mudou muito aprendemos com nossos próprios erros.*

Hoje, finaliza ele, “Gramado não seria a mesma sem esse evento”.

<sup>36</sup> O Festival de Cinema de Gramado, está na sua 34ª Edição e foi reconhecido como Patrimônio Histórico e Cultural do Estado do Rio Grande do Sul, através da Lei nº 12.529, de 6/06/1006.

<sup>37</sup> ZORZANELLO, Enio Antônio. Presidente da Comissão Organizadora do Festival de Cinema de Gramado. In: **Palestra Revisar Gramado Ontem e Hoje**, jun. 2005.

Em meio a essa transformação urbana, a população do interior ficou estagnada. A produção agrícola era de mera subsistência e exigia mudanças. Rapazes e moças foram atraídos para a cidade. O primeiro passo para a mudança foi à alteração dos hábitos domésticos. A mudança exigiu desse contingente rural alguns sacrifícios. O levantar cedo, sendo um hábito, não era problema; mas o deslocamento diário da colônia até o centro da cidade, era obstáculo quase intransponível. Não havia transporte regular e, para muitos o caminhão que transportava o leite - o *leiteiro*<sup>38</sup> - era o único recurso; não havendo esse, o percurso precisava ser feito a pé.

Em pouco tempo, as famílias da cidade passam a receber essa clientela, formada na sua maioria por parentes. O jovem trabalhador passa a ter no final do mês um salário e dias de descanso.

O período crítico vivido na zona rural está sistematicamente sendo revertido; hoje, há um grande incentivo para o turismo rural e, as agroindústrias proliferam-se.

Relata CONTE<sup>39</sup> que ao sair de casa para trabalhar na cidade, não foi fácil. Diz:

No início tínhamos que vencer oito quilômetros à pé todos os dias. Quando a Ortopé<sup>40</sup> aumentou a produção abrindo novos empregos, foi um alívio. Valeu o sacrifício, com nosso trabalho compramos um terreno e aos poucos construí a minha casa. Com meus irmãos aconteceu a mesma coisa. Hoje a nossa vida é bem mais tranqüila. Hoje tenho um pequeno sítio, não dá para esquecer a vida do interior.

Continua contando que:

---

<sup>38</sup> Era o que recolhia e transportava, diariamente o leite da zona rural para a cidade.

<sup>39</sup> CONTE, Remi. (60 anos). **Depoente**. Residente em Gramado.

<sup>40</sup> Calçados ORTOPÉ Ltda. Empresa hoje com suas atividades encerradas.

*“passava, o tempo todo na fábrica não dava para ir a lugar nenhum. Não me lembro de ter, naquela época, desfrutado de um evento da cidade. Sabia que éramos diferentes, não tínhamos o mesmo jeito do pessoal do centro. Na colônia, nós sempre falávamos o italiano – o dialeto – e nosso sotaque era muito forte, sentia vergonha ...”* finaliza.

O número de pessoas que deixaram o interior do município é sentido nos diversos bairros da cidade. Na medida em que acumulavam capital, foram comprando terrenos, construindo suas casas e, na medida em que isso ia acontecendo, traziam seus pais para viver na cidade.

Não há nenhum levantamento quantitativo que dê conta do número de descendente de italianos que saíram da zona rural e se fixaram na zona urbana, mas dá para afirmar que do início dos anos setenta passaram, aproximadamente, duas gerações. Atualmente, com os incentivos do turismo rural a tendência é que o jovem permaneça no reduto familiar rural.

## **2.2 A Colônia e o Espaço da Mulher**

Uma vez transferido o núcleo inicial para o local onde hoje se encontra o centro urbano do município, o processo de ocupação das terras rurais não foi interrompido. Esse comportamento permitiu a formação e manutenção de redutos coloniais, os quais ainda hoje são referenciais.



As vinte e três colônias<sup>41</sup> que compõem o interior do município de Gramado, ressalvadas as melhorias e adaptações impostas pelo tempo, preservam os hábitos iniciais, típicos da colonização. É dentro desse reduto, independente da origem étnica, que o grupo preserva suas características, as quais, de alguma maneira reportam o indivíduo ao passado. As práticas cotidianas e a Igreja, são exemplos concretos.

A consagrada obra de Thales de AZEVEDO<sup>42</sup> é rica e permite ao pesquisador um grau de inferências importantes. Diz ele: Fora das cidades não há aglomeração de casas. Os colonos conservaram sua fé, sua língua e, em grande parte, seus costumes: assim, em tal meio, tem-se a impressão de viver num recanto do Norte da Itália<sup>43</sup>.

A micro-história possibilita a fragmentação do todo em partes, gerando uma nova construção.

Novamente sou o depoente. Com o auxílio do registro acima, é possível reconstruir o cotidiano dessa etnia com base nas lembranças do passado<sup>44</sup>. Portanto não só a fé e a língua (dialeto), mas também as práticas cotidianas da mulher rural são instrumentos que compõe esse diagnóstico. No passado a circulação da mulher rural estava limitada às atividades do entorno da casa. Dentro desse mundo, a horta foi um dos espaços sagrados. Não muito distante da casa a horta era construída pelo homem e esse só entrava novamente com o consentimento da esposa.

---

<sup>41</sup> Linha Araripe, Linha Arroio Forquilha, Linha Ávila, Linha Belvedere, Linha Bonita, Linha Campestre do Tigre, Linha Carahá, Linha Carazal, Linha Furna, Linha Lagiana, Linha Marcondes, Linha Mato Queimado, Linha Moleque, Linha Moreira, Linha Morro do Arame, Linha Nova, Linha Pedras Brancas, Linha Quilombo, Linha Quinze, Linha São Roque, Linha Serra Grande e Linha Tapera e Linha Vinte e Oito.

<sup>42</sup> AZEVEDO, Thales de. Os Italianos no Rio Grande do Sul. **Cadernos de Pesquisa**, Caxias do Sul: EDUCS, 1. ed., 1994.

<sup>43</sup> Idem. **Verbete 1.086**, p. 386.

<sup>44</sup> Essa reconstrução é baseada na experiência vivida pelo autor junto a seus avós maternos: Francesco e Angelina Perini – Linha Vinte e Oito – Zona rural de Gramado.

O tamanho da família, normalmente representava e condicionava o trabalho da mulher o que normalmente implicava na sobrecarga de trabalho. O cultivo das hortaliças, das verduras e algumas flores detinham especial atenção. Os canteiros, após receberem tratamento espartano com o esterco retirado dos galinheiros misturados a terra, estavam prontos para receberem as sementes ou mudas.

É indiscutível que o calendário lunar, as estações do ano e a tradição oral foram determinantes para minha avó. Plantava-se de tudo. As culturas das quatro estações eram vitais para a sobrevivência da família. Pestes ou pragas naturais como formigueiros ou gafanhotos eram considerados desastres de proporções. Por inúmeras oportunidades presenciei o seu percurso a luz de lamparinas para encontrar os formigueiros os quais muitas vezes estavam localizados a uma boa distância. Apesar da tradicional submissão ao meu avô, na horta aquela mulher de traços simples se libertava, criava e diversificava. Era seu mundo. Nunca a vi chorar, mas dá para afirmar que através das lágrimas ela expiava as dores impostas pela fadiga das longas tarefas diárias.

Não é incomum notícias de que foi na horta o local das primeiras contrações. Foi nesse espaço que a mulher abusava da sua criatividade. Proibida ou impedida de expressar suas alegrias às vistas do marido, na horta a mulher sorria ao criar verdadeiros mosaicos de várias tonalidades. Esse local também era lugar de visitação incondicional. É pouco provável que as vizinhas tenham saído sem receber das mãos de minha avó um molho de temperos ou algum chá. Padronizado o entorno da casa, a horta também servia de espaço lúdico; espantalhos eram fixados de forma aleatória com o objetivo de afugentar os pássaros que se nutriam das sementes ou dos frutos.

Sem aperceber-se, a mulher rural exerceu técnicas de engenharia ao escolher seu lugar sagrado; a terra plana, a fonte d'água e a proximidade da casa eram as condições norteadoras da escolha. A horta foi, igualmente, um dos estágios da sacralidade feminina. Hoje esse espaço, está ameaçado pela modernidade. A construção acima faz parte de lembranças que foram passadas através dos momentos de singular importância na minha vida. Atualmente esses espaços são diminutos, porém não deixam de ter um significado especial; essas práticas têm a finalidade de dar continuidade às primeiras atividades desempenhadas pela mulher imigrante.

Os passos de Ângela Bordin Perini ainda são sentidos por quem a conheceu. Discreta, viveu o seu tempo. Criou onze filhos os quais vieram ao mundo com o auxílio de uma parteira. Educou todos com o coração e, com a razão, ensinou a perseverança. Depositou em Deus o seu dia a dia e acreditou no trabalho. Angelina, como todos a chamavam, seria nos padrões de hoje, reservadas as proporções, uma executiva. Levantava-se cedo, antes do sol aparecer entre os morros que circundavam a propriedade. Desempenhava as lidas domésticas como uma máquina regulada e compassada; passava em revista o galinheiro o quarador<sup>45</sup> e fundamentalmente a sua horta. Angelina segurava os molhos de temperos como uma mãe segura a mão de um filho. Na cozinha era a comandante. A alimentação da família era simples, a polenta era uma das primeiras tarefas depois que o fogão ardia. Todos os demais pratos iam para a mesa, como se fosse o primeiro banquete por ela oferecido. Era a última a acomodar-se à direita de seu marido.

---

<sup>45</sup> Essa expressão é comum no interior. O espaço, normalmente cercado, tinha duas finalidades: uma para alvejar a roupa exposta ao sol e a outra era para secar com arames estendidos em toda a sua extensão.

No verão, esperava o calor escaldante do sol amenizar para reiniciar a segunda parte da jornada. No inverno ou em dias de chuva, sentava-se no caixão da lenha<sup>46</sup> onde cerzia as roupas do dia a dia. Angelina recolhia-se após ter a certeza de que todos estavam acomodados em suas camas. A personagem não conhecia as letras, mas das suas falas todos os sentidos se revelavam. Amava seu dialeto italiano fazendo desse um elo direto com seu passado. Embora tenha ensinado o que sabia, partiu cedo deixando lembranças e saudades.

Nunca ouvi Francisco, meu avô, levantar a voz para Angelina, mas também não lembro de vê-lo acariciá-la ou dirigir-lhe palavras de afeto. Maria Silvia C. Beozzo BASSANEZI<sup>47</sup> refere que “no contexto familiar imigrante, pelo menos entre italianos a principal referência para a valorização da mulher era sem dúvida sua capacidade para o trabalho. Beleza e saber formal ficavam em segundo plano [...]”. É provável que os sentimentos mais nobres do esposo em relação à esposa fossem valorizados através de objetos na medida em que são concretos, palpáveis e visíveis. Angelina, até sua morte, cuidou do relógio de cabeceira que ganhou de seu esposo em 1922, por ocasião do nascimento do primeiro filho homem. Recordo que sobre o seu criado mudo dois objetos sempre estiveram presentes: o relógio e um crucifixo. Para ambos, minha avó destinava o mesmo esmero e cuidado; “*olhar sem tocar*” ,dizia.

---

<sup>46</sup> Móvel colocado ao lado do fogão, onde eram reservados pedaços de lenha.

<sup>47</sup> BASSANEZI, Maria Silvia C. Beozzo. “Vinda e Vida em Família: Italianos para e no Brasil do Café”. In: HENZO, M. Grosselli. **Trentamila “Tirolesi” in Brasile, Stòria, Cultura**. Cooperazione allo Sviluppo. Trento, 2001. p. 319 a 356.

### 2.3 A Igreja como Centro Religioso e Social

A construção da capela foi uma das primeiras manifestações religiosas do imigrante italiano. Apesar da precariedade de registros sobre a edificação das capelas na zona rural do município de Gramado, “foi ao seu redor que começou a girar a vida social dos imigrantes”<sup>48</sup>. Pelo que se infere dos dados obtidos junto a Paróquia São Pedro, doze das vinte e três Linhas, possuem capelas com seus Santos padroeiros<sup>49</sup>. O levantamento além de apontar para o fato de que o imigrante tinha a religião como princípio salvífico e restaurador da alma e do físico, é possível observar, pelo número apontado, que no decurso do ano, as comunidades se reuniam nas comemorações festivas. Esse fato é importante na medida em que, os relacionamentos se intensificavam e de alguma forma, as experiências de vida eram aprimoradas.

Maria Silvia C. Beozzo BASSANEZI<sup>50</sup> ao se referir sobre a estabilidade do imigrante no contexto sócio-espacial, recria de maneira típica, não só o ambiente do colono, mas também apresenta elementos que dão significado a harmonia desses grupos no espaço de circulação pública. Sustenta ela que:

A maior ou menor estabilidade da família imigrante certamente teve reflexos no interior da vida familiar e na manutenção ou não da bagagem cultural trazida pelo imigrante. O contexto social dos locais onde as famílias italianas se instalaram foi fundamental na preservação ou não dos usos, costumes e valores. Nas áreas do Sul do Brasil onde as famílias estiveram mais sujeitas ao isolamento, estes foram mantidos com maior intensidade [...].

<sup>48</sup> PELISSER Adelirdes, CARDOSO Cleoir Garbim, LONGO Virte Conte. Fé e Trabalho. In: GIRON, Loraine Slomp (Org.). **Colonos e Fazendeiros – Imigrantes Italianos nos Campos de Vacaria**. Porto Alegre: EST, 2001. p. 85.

<sup>49</sup> Linha Ávila: Santa Terezinha, Linha Bonita: São Pedro Claver, Linha Carahá: São Gotardo, Linha Furna: São Paulo Linha Moleque: Nossa Senhora do Caravaggio, Linha Nova: São José, Linha Pedras Brancas: Nossa Senhora do Caravaggio, Linha Quilombo: São Miguel, Linha Serra Grande: Nossa Senhora da Pompéia, Linha São Roque: São Roque, Linha Tapera: Santo Antônio, Linha Vinte e Oito: São Valentim.

<sup>50</sup> BASSANEZI, Maria Silvia C. Beozzo. “Vinda e Vida em Família: Italianos para e no Brasil do Café”. HENZO, M. Grosselli. **Trentamila “Tirolesi” in Brasile, Stòria, Cultura**. Cooperazione allo Sviluppo. Trento, 2001. p. 356.

Entre os homens, os festejos proporcionavam o lúdico; jogos de bocha, mora entre outras competições que revigoravam as forças. Para as mulheres, esses encontros serviam para trocas de experiências; as mais idosas passavam as mais novas ensinamentos sobre a culinária, os trabalhos manuais e inegavelmente os saberes sobre o nascimento dos filhos.



**Figura 5 - Joga da Mora – Atividade lúdica entre os colonos**

Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal João Leopoldo Lied-PMG.



**Figura 6- Crochê: Atividade feminina**

Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal João Leopoldo Lied-PMG.

Foi também nesse espaço que os casamentos proliferaram. Pelo que se infere da documentação oficial sobre a etnia italiana, as uniões mais comuns se davam entre os jovens das famílias que viajavam no mesmo navio ou entre as famílias cujos lotes eram contíguos. Nas terras de Gramado, os primeiros colonos, na sua maioria, vieram casados ou casaram logo que se instalaram.

A geração seguinte, estava ligada à política imposta pela Igreja Católica de Roma no que dizia respeito a uniões entre evangélicos e católicos, portanto as uniões entre o mesmo círculo étnico eram marcantes. Somente nos anos sessenta é que o Concílio Vaticano II passou a tolerar a união entre evangélicos e católicos, mas a tradição já estava consagrada e, por muito tempo os casamentos entre italianos foi uma constante, visando manter o católico imune à sociedade caracterizada por grande número de alemães e protestantes.

Em recente publicação sobre histórias de vida, Maria Silvia C. Beozzo BASSANEZI<sup>51</sup> esclarece que:

Nossas pesquisas revelam que, com certa freqüência, entre os italianos ocorreram vários casamentos no seio de duas famílias (dois irmãos/irmãs) casando-se com outras (duas irmãs/irmãos) ou várias famílias casaram seus filhos entre si, formando verdadeiras redes entre elas e, muitas vezes, solidificando antigos laços de amizade e/ou compadrio, pois reuniam pessoas de uma mesma região ou países da Itália. Os casamentos de imigrantes uniam cônjuges em idades mais precoces do que as verificadas nos casamentos ocorridos na terra natal [...] Os brasileiros filhos de italianos também eram mais jovens no campo que na cidade no momento do casamento. Casavam-se em idades mais precoces que os nascidos na Itália, e as filhas brasileiras de italianos casavam-se um pouco mais velhas que as oriundas da península que se uniram em matrimônio no Brasil.

É necessário observar que as famílias que se assentaram inicialmente nos redutos rurais somadas às que se instalaram no povoado a partir de 1904, foram responsáveis pela

---

<sup>51</sup> BASSANEZI, Maria Silvia C. Beozzo. “Vinda e Vida em Família: Italianos para e no Brasil do Café”. In: HENZO, M. Grosselli. **Trentamila “Tirolesi” in Brasile, Stòria, Cultura**. Cooperazione allo Sviluppo. Trento, 2001. p. 319 a 356.

ampliação do grupo étnico que manteve, de certo modo, a estabilidade do grupo. Esse resultado irá aparecer no plebiscito emancipatório realizado em 16 de outubro de 1953.

Uma leitura junto aos editais de casamento arquivados no Cartório de Registro Civil do município indica que, a partir do início dos anos oitenta, a união de descendentes italianos com descendentes de outras etnias é significativa. Esse dado foi comprovado através de uma análise feita nos livros de chamada do Colégio Estadual Santos Dumont<sup>52</sup>. Ali se constatou que houve uma profunda alteração no comportamento cultural das famílias em relação à tradição das uniões endogâmicas do passado.

Apesar de não ser o foco principal da pesquisa, é necessária a observação: as uniões do passado, destinadas a manter a etnicidade, estão sendo paulatinamente abandonadas. Esse fato, entretanto, implicará um posterior estudo, com fundamento antropológico.

## **2.4 Os Meios de Transportes**

A geografia do município de Gramado é irregular. Circundado por escarpas, poucas são as propriedades do interior dotadas de terras planas o que implica em dizer que o colono teve que aprender a conviver e a trabalhar a terra com desníveis, às vezes, acentuados. Essas características são compensadas pela qualidade do solo, muito embora o agricultor de hoje esteja utilizando insumos agrícolas para corrigir eventuais deficiências. A escassez de trabalho sobre o cotidiano do colono nos redutos rurais, impede um diagnóstico mais

---

<sup>52</sup> Colégio Estadual de Primeiro e Segundo Graus. Até o ano 2004 era o único estabelecimento de ensino na zona Urbana. Em junho de 2006 a instituição tinha 1.750 alunos, distribuídos em três turnos.



aprofundado. Contudo, percebe-se que os instrumentos, como o arado com tração animal, enxadas, pás, picaretas, foices entre outros, ainda fazem parte do dia a dia do colono. Nas últimas décadas, o agricultor está investindo na mecanização, e é visível o número de tratores multifuncionais e outros meios de produção com tração mecânica.

O trabalho diário também exigiu a utilização de carretas às quais, tracionadas por uma junta de bois ou muares integraram a paisagem. Esse meio de transporte serviu para o deslocamento da produção agrícola, de madeiras e pedras. Iraci Casagrande KOPPE e Carlos Gilberto DRECKSLER<sup>53</sup> reproduzem o depoimento de Ernesto Balzaretto o qual declara que:

comecei a puxar pedras para construções em 1924, com 14 anos de idade. Eram tiradas das pedreiras de Dengo Dutra, hoje Vila Dutra. Puxei pedras para a construção da Igreja Católica. Neste tempo, Theodoro Michaelsen, comerciante da Serra Grande, me contratou para puxar batatas juntamente com Edmundo, seu filho. Entre as duas carretas, puxávamos cento e oitenta sacas de batatas por dia, até a estação férrea na Várzea Grande [...] o mais difícil eram os carregamentos de tábuas. Saíamos as quatro e meia da manhã, passávamos pela Linha Furna e íamos em direção a localidade de Bentiví, atravessávamos pela ponte do Raposo para carregar tábuas nas serrarias dos Bozza, dos Zatti. No meio do caminho parávamos para almoçar na pensão do senhor Reck e alimentávamos os animais. Neste trecho, havia um ferreiro que cobrava três mil e quinhentos réis para ferrar um cavalo ou uma mula. Também naquele local, especificamente na Linha Quinze, havia um carpinteiro, o senhor João Zanatta, que fazia os reparos das tesouras e rodas das carretas. As carretas eram fabricadas em Caxias do Sul, pelo senhor Gobatto.

O depoimento retrata a importância desse meio de transporte nas atividades produtivas do povoado.

Porém as dificuldades eram permanentes, Relata Balzaretto que:

*“em 1930 minha carreta atolou em frente ao atual cinema, onde somente morava o senhor Antonio Scherer. A estrada era toda de estivas de xaxim. Tentaram tirá-la com duas juntas de mulas e não adiantou, tentaram com três e o que aconteceu foi*

<sup>53</sup> KOPPE, Iraci Casagrande; DRECKSLER, Carlos Gilberto. **Era uma Vez...! Relatos de Gramado**. Edição Comemorativa aos 25 Anos do Orbis Club de Gramado e 10 anos do Jornal de Gramado. Canoas: Escola Profissional La Salle, 1993. p. 46.

*que arrancaram o cabeçalho da carreta. Foi uma luta imensa. Tivemos que descarregar as tábuas e tirá-las dali”.*

A pesquisa apurou junto ao Relatório da Intendência de Taquara do Mundo Novo do ano de 1921, que no povoado de Gramado o número de carretas era de cento e setenta e duas, sendo que cem delas são denominadas de “carretas de lavoura”<sup>54</sup>. Essas informações permitem compor o quadro da dependência e da necessidade que os habitantes tinham com esse meio de transporte. Outro meio de locomoção foi o cavalo que por décadas sempre esteve presente nas colônias. Nair PERINI<sup>55</sup> relata que “*antes da camionete Rural comprada nos anos sessenta, meu pai, ia para o centro à cavalo*”. Esses depoimentos reconstroem as condições dos transportes do colono em todo o município.



**Figura 7 - Festa da Colônia – 1996 - Desfile de carretas em homenagem ao colono**  
Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal João Leopoldo Lied-PMG.

<sup>54</sup> ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JOÃO LEOPOLDO LIED. **Relatório apresentado pelo Intendente Arnaldo da Costa Bard ao Conselho Municipal em 20 de setembro de 1922, correspondente ao exercício de 1921.** Porto Alegre: Oficinas Graphicas d’“A Federação”, 1923. p. 137.

<sup>55</sup> PERINI, Nair. **Depoimento prestado no projeto Gramado Contado por sua Gente Alusivo ao Cinquentenário de Emancipação Política do Município.** Acervo Áudio-visual do Arquivo Histórico Municipal *João Leopoldo Lied*, Gramado, 2004.



**Figura 8 - Festa da Colônia – 1996 - Desfile de carretas – Motivo: Produção de pão**  
 Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal João Leopoldo Lied-PMG.

## 2.5 Terra – Uma Clonagem do Passado

Terra em abundância foi o *slogam* da política imperial para atrair o imigrante italiano. Loraine Slomp GIROM<sup>56</sup> destaca que *a chegada dos imigrantes, a partir de 1875, na região da serra gaúcha, representa um novo modo de produzir. Representa ainda novos produtos colocados no mercado e novos consumidores para o mercado, até então restrito. O esgotamento das colônias, por fatores já conhecidos, levou o imigrante italiano e seus descendentes a buscar novos espaços para produzir.*

As informações levantadas através dos depoimentos não comprovam a existência de monoculturas. Como herança sócio-econômica, o colono plantava duas ou mais lavouras,

---

<sup>56</sup> GIRON, Loraine Slomp. **Colonos e Fazendeiros – Imigrantes Italianos nos Campos de Cima da Serra.** Porto Alegre: EST, 2001. p. 9 e segs.

sendo, entretanto, o milho uma cultura permanente. A produção era de subsistência e o excedente era comercializado na cidade e, após a chegada do trem, escoada para outros centros consumidores.

Ao descrever a colônia de Serra Grande, Germano BLUM<sup>57</sup>, afirma que essa colônia foi:

[...] a que mais contribuiu economicamente para o desenvolvimento do município. O cultivo da batata inglesa, e os aviários, no setor agropecuário, a exploração de pedreiras, da madeira, especialmente a acácia negra, de cuja casca se fabrica o tanino, a comercialização do leite e outros produtos agrícolas dão aos moradores um bom nível de vida.

Na mesma obra, o autor relata que na localidade da Tapera<sup>58</sup>

[..] o produto mais cultivado era o piretro, do qual era fabricado veneno e inseticidas. Atualmente os poucos agricultores da região plantam batata inglesa, feijão, arroz, milho, amendoim, batata doce, aipim, frutas, todos em pequena quantidade para a sua sobrevivência.

Na Linha São Roque, região habitada nos primórdios do século XX, BLUM<sup>59</sup> destaca que:

o solo era fértil e próprio para a agricultura. Cultivavam trigo, milho, feijão e outros produtos para subsistência. O trabalho era árduo e difícil, pois só contavam com a enxada e o arado [...] hoje a agricultura e a pecuária tornaram-se mais especializadas. Trabalham com tratores, diversos meios de transportes e contam também com agrônomos e técnicos que orientam e ajudam para a melhoria de qualidade dos produtos, que são comercializados, como: fumo, milho, soja, leite, ovos, figo...

Pelas informações acima, percebe-se que a terra desempenhou papel fundamental na base econômica do povoado, não só no que diz respeito ao sustento do grupo familiar, como também contribuiu, fundamentalmente, para o desenvolvimento das colônias. O depoimento

<sup>57</sup> BLUM, Germano Marcolino. **Gramado, Simplesmente Gramado**. Gramado: Prefeitura Municipal de Gramado/SMEEC, 1987. p. 152.

<sup>58</sup> *Ibidem*, p. 157.

<sup>59</sup> *Ibidem*, p. 172.

de Francisco PERINI<sup>60</sup>, é de singular importância, na medida em que explicita com fidelidade que a produção rural não só serviu como meio de subsistência familiar, mas também abriu novas possibilidades econômicas. Diz ele:

*“Veja, eu plantava sessenta e dois hectares de milho, o dia inteiro na roça com a mulher e os meus filhos. E todos os anos eu tinha um ou dois contos de prejuízo. E cada ano plantava de novo, porque diziam que a coisa havia de melhorar. Até que um dia não agüentei mais. Acha que eu devia continuar plantando sessenta e dois hectares, me gastando naquele serviço brabo, pra ter prejuízo no fim do ano? Assim larguei tudo e passei a plantar um terço de hectare de tomates. E vivo muito bem assim. Faço massa de tomates e ganho muito mais do que antes. Agora posso viver folgado, e com menos preocupação. Tenho umas vacas de leite, e também vendo esse produto pra vila. Primeiro esperei que tivesse o número de fregueses bastante para compensar. Toda gente tinha sua vaca. Depois veio a seca a forragem ficou escassa e eles passaram a comprar de mim. Planto um hectare de pasto, de vez em quando, sem muito trabalho e vendo o leite a setecentos a garrafa, com um bom lucro. Tenho minhas parreiras e faço o meu vinho e ainda trabalho com figos. Há dois anos arranquei umas capoeiras que tinha perto das vertentes e plantei figueiras. Hoje vendo figada em quantidade. Primeiro, me compravam o figo á um mil réis o quilo; eu, então passei a industrializar a fruta, vendendo á sete mil réis o quilo, o que me dá um lucro de dois mil e quinhentos”.*

Esse depoimento também permitiu a reconstrução do ambiente rural sob vários ângulos. Infere-se que o depoente estabelece uma relação direta entre o trabalho e as realizações de vida incluindo os projetos de desenvolvimento. Sob outro aspecto, o depoimento mostra o envolvimento familiar o que consagra o comportamento das famílias que tiveram sua gênese na imigração. O depoimento também esclarece as alternativas que a propriedade ofereceu como meio de sobrevivência. A aproximação do pesquisador com o depoimento permite um atalho para compreender o contexto social, econômico e cultural e as experiências de vida de um homem simples que desafia a economia da época. A partir dos anos cinquenta Francisco Perini intensificou a plantação de parreiras na sua propriedade. A vinícola, por mais de três décadas, foi sinônimo de progresso. Esse investimento, embora não tenha sido seguido pela família, contribuiu para o desenvolvimento do município. Após o passamento de sua esposa Angelina, suas atividades foram encerradas.

---

<sup>60</sup> PERINI, Francisco. Depoimento ao Jornalista Nilo Ruschel. **Folha da Tarde**, 18 jul. 1945. p. 10. (A reportagem faz parte do acervo particular do autor da presente dissertação).



**Figura 9 - Propriedade da Francisco Perini – Linha Vinte e oito**  
**Da direita para a esquerda: Angelina Perini, Cecília Perini, Josephina Perini, Nair Perini, Francisca Perini – Norma Carniel – Pierina Perini Carniel, no seu colo Joanete Carniel– Júlio Carniel, no seu colo Josemari Carniel . Sentadas: Zilla Perini e Irmã Perni.**

Fonte: Acervo do Autor.

Percorrendo a região rural do município de Gramado, percebe-se o seu crescimento. A fonte documental mais remota é de 1921<sup>61</sup>. O relatório informa que foram destinados valores para pagamento dos melhoramentos nas estradas que ligavam Gramado a Nova Petrópolis, bem como nas estradas que ligavam a Serra Grande, Linha Ávila e a Linha Nova ao centro do Povoado. Consta também do relatório, o pagamento feito ao pessoal das

<sup>61</sup> ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JOÃO LEOPOLDO LIED. **Relatório ao Conselho Municipal de Taquara apresentado ao Intendente Arnaldo da Costa Bard.** Porto Alegre: Oficinas Graphics d'A Federação, 1923. p. 161.

turmas<sup>62</sup>, homens que tinham a função de cuidar das estradas do Povoado e mais tarde, segundo a tradição, das rodovias estaduais.

As propriedades do interior do município de Gramado são constituídas fundamentalmente em pequenos lotes, na maior parte entre cinco a cinquenta hectares de área, ainda exploradas por mão-de-obra familiar. A topografia acidentada dificulta a sua exploração com culturas anuais intensivas, o que indica um uso preferencial do solo em horticultura, pastagens, silvicultura e fruticultura.

A iluminação rural, antes da introdução da luz elétrica a qual chegou à colônia só no final dos anos sessenta era investimento do próprio colono; ele comprava o dínamo, e empreendia o represamento da água para obter algumas horas de relativo conforto a noite. Na falta desse investimento, as casas eram iluminadas por lampiões à querosene ou velas. Essas duas formas eram as mais corriqueiras, sendo a primeira uma demonstração de sucesso econômico. Atualmente 96,16% das 885 propriedades rurais possuem luz elétrica<sup>63</sup>.

Muitas propriedades são singradas por pequenos córregos gerados por vertentes naturais. Outras, transformaram os banhados em pequenos açudes, necessários para a irrigação, visto que a água integra a lista dos fatores de sobrevivência.

Poucas são as residências originais. Reformas ou novas construções são, para o agricultor, sinônimas de progresso. Nas propriedades onde o terreno é em declive, a casa foi construída de forma com que o porão, sempre de pedra, servisse para o abrigo de animais que no inverno rigoroso ficavam ali isolados proporcionando mau cheiro. Ainda hoje se

---

<sup>62</sup> Conhecidos popularmente como “turmeiros”.

<sup>63</sup> EMATER – Escritório Regional da Serra - Gramado, 2000. p. 12.

encontram as pocilgas e os galinheiros. Os estábulos apareceram bem mais tarde fruto da exigência da produção. Nenhum depoente dá qualquer referência às construções dos antepassados italianos do outro lado do atlântico. Contudo, as características levantadas por AZEVEDO<sup>64</sup> no importante registro sobre os as condições de habitação do imigrante ou seus descendentes, são referenciais.

O levantamento feito pelo escritório da EMATER<sup>65</sup>, registra que 75% das casas estão em bom estado, 21% em estado razoável e 4% em situação precária. As habitações, no mesmo levantamento, estão assim distribuídas: 55% são de madeiras, 30% são de alvenaria, 10% são mistas e 5% são precárias<sup>66</sup>. Impõe o registro de que esse levantamento quantitativo, não distingue as propriedades tomando por base os grupos étnicos.

Atualmente, a expressiva maioria dos agricultores possui no mínimo um veículo e, as antenas parabólicas integram-se no ambiente. O transporte coletivo percorre as zonas mais povoadas, visto que muitas famílias, em que pese o trabalho na cidade, possuem residência na colônia. Esse meio de transporte também é vital para a população estudantil.

---

<sup>64</sup> AZEVEDO, Thales de. Os Italianos no Rio Grande do Sul. **Cadernos de Pesquisa**, Caxias do Sul: EDUCS, 1. ed., p. 386, 1994.

<sup>65</sup> EMATER – Escritório Regional da Serra. Gramado, 2000. p. 13.

<sup>66</sup> *Ibidem*, p. 17.



### 3 COLONOS E COLÔNIAS

#### 3.1 Lugares e Pessoas Comuns

O presente capítulo objetiva identificar os primeiros assentamentos dos imigrantes italianos ou de seus descendentes na região. Para enquadrar essa etnia ao povoado de Gramado, o estudo feito por Loraine Slomp GIRON<sup>67</sup> torna-se revelador na medida em que informam o estabelecimento e a movimentação das famílias Cappelletti, Perottoni, Perini, Bordin e Casagrande na Segunda Légua. Cruzando os dados com o único levantamento bibliográfico<sup>68</sup> existente no município de Gramado, percebe-se que o processo migratório foi considerável.

Nomes de famílias de origem italiana são encontrados nas diversas colônias de Gramado. Entretanto, apesar da documentação ser restrita, a mesma revela que a partir dos primeiros anos do século XX essa etnia marca definitivamente sua presença em Gramado. Na localidade denominada **Serra Grande**<sup>69</sup>, por volta de 1900, aparece a família Ghesla, Broilo, Pezzi, Mazzurana e Libardi. Na **Linha Tapera**<sup>70</sup> a família Trentim se estabeleceu em 1917. Como dito acima, **Carazal**<sup>71</sup> não é um reduto colonial, porém há presença de imigrantes italianos com o sobrenome Dallatéia. Na **Linha Quinze**<sup>72</sup>, registra-se o nome da família Justi

---

<sup>67</sup> HENZO, M. Grosselli. **Trentamila “Tirolesi” in Brasile, Stòria, Cultura**. Cooperazione allo Sviluppo. Trento, 2001. p. 237-268.

<sup>68</sup> BLUM, Germano Marcolino (Org.). **Gramado Simplesmente Gramado**. Gramado: Prefeitura Municipal de Gramado, 1987.

<sup>69</sup> *Ibidem*, p. 152.

<sup>70</sup> *Ibidem*, p. 154.

<sup>71</sup> *Ibidem*, p. 163.

<sup>72</sup> *Ibidem*, p.167

e Reck. Na **Lagiana**<sup>73</sup>, há registrado o nome da família Cristófolli. Na **Linha Furna**<sup>74</sup>, encontramos os sobrenomes de origem italiana: Peteffi e Lovatto. Na localidade chamada **Pedras Brancas**<sup>75</sup> há presença das famílias Callais, Pegoraro, Crivelati, Benetti e Niclotti. Na **Linha São Roque**<sup>76</sup>, a primeira família a se instalar foi a Ferrari, imigrantes procedentes da Itália. Ainda há registro das famílias Munareto e Scariot. Na **Linha Vinte e Oito**<sup>77</sup> a presença das famílias Dalsochio, Perini, Bordin, Capeletti e Broilo. **Linha Bonita e Mato Queimado**, a família Masotti. Na Linha **Quilombo**<sup>78</sup>, aparece a família Bezzi. A Linha **Morro do Arame**<sup>79</sup> foi ocupada pelas famílias Tomazini e Dabri.

Outro levantamento feito por Iraci C. KOPPE e Carlos G. DRECKSLER<sup>80</sup> informa “*que por volta de 1890 alguns imigrantes partiram de Caxias do Sul a procura de novas terras. Uns porque casaram e desejavam cultivar suas próprias terras e outros porque a família era numerosa e o lote tornara-se pequeno*”.

Esse grupo de italianos, segundo eles, “*adquirem terras do posseiro José Manuel Correa que havia registrado a posse das terras que ficavam no centro de Gramado até a divisa com Caxias do Sul*”. A pesquisa revela que aproximadamente quarenta por cento dos sobrenomes<sup>81</sup> pertencem a famílias italianas de origem da região do Trento/Itália. As demais estão divididas em percentual maior ou menor de outras partes da Itália.

---

<sup>73</sup> *Ibidem*, p. 168.

<sup>74</sup> *Ibidem*, p. 169.

<sup>75</sup> *Ibidem*, p. 169.

<sup>76</sup> *Ibidem*, p. 173.

<sup>77</sup> *Ibidem*, p. 173.

<sup>78</sup> *Ibidem*, p. 174.

<sup>79</sup> *Ibidem*, p. 175.

<sup>80</sup> KOPPE, Iraci Casagrande; DRECKSLER, Carlos Gilberto. Memória. **Jornal de Gramado**, Gramado, 1999. p. 20.

<sup>81</sup> NARDI, Antoni, REHELCOITI, Ana, FACCIN, Antonio, BOFF, Antonio, DELLA VECHIO, Anacleto, BREZOLLA, Ângelo, BENETTI, Antonio, BORDIN, Ângelo, GRISELE, Albino, CAVICIONI, Ângelo, RADAELI, Ângelo, GIACOMETTI, Antonio de, CRIVELATTI, Ângelo, PEGORARAO, Antonio, FERRARI, Benedetto, PORTOLAN, Cesário, BERTOLUCCI, Cesário, BERTI, Danieli, BERTI, BENETTI, Domingo, ROSSA, Domingo, DESORSI, Domingo, BERTOLUCCI, Eugenio, GERETTO, Francisco,



### 3.2 O Colono e o Pertencimento Social

Nesses lugares homens e mulheres, olharam para o horizonte. Levados a migrar, formaram núcleos familiares rudimentares, travando com o meio ambiente ainda inóspito, profundas batalhas. SERNA e PONS<sup>82</sup> sustentam

que o papel do historiador é dar sentido concreto aos feitos do passado a partir de informações que conseguem reunir. Nesse sentido, dizem eles, a primeira evidência com que nos defrontamos é a ação humana e isso nos obriga a uma investigação histórica que venha a identificar o ser humano através de seu nome, sua origem, seus feitos e isso, continuam eles, sustentará o enunciado dos micro-fundamentos de uma ação real empreendida por sujeitos reais e não por hipóteses abstratas que constituem os modelos das estatísticas dominantes.

A pesquisa não tem como objetivo principal, levantar um diagnóstico familiar de cunho antropológico, entretanto, tudo indica que os habitantes do município de Gramado provem da região do Trento e isso é um forte indicador de que os grupos se reúnem sob as formas mais variadas; a regionalidade é uma delas.

O relato de vida de DALLE MOLLE<sup>83</sup> é esclarecedor “*conheci Gramado através do que escrevia o padre Ângelo Donatto, responsável pelo Jornal “Estrela do Sul”, que circulava em Caxias do Sul. Orestes trabalhava como contabilista na casa Raymundo Magnabosco. Relata que deixou o emprego, com três mil réis no bolso, e vim para Gramado em 15 de junho de 1926. A vida do depoente começou, como muitas outras famílias da sua época; simples, porém com expectativas quanto ao futuro.*

---

<sup>82</sup> SERNA, Justo; PONS, Anaclét. **Nuevas Tendências Historiográficas e Historia Local em Espanha – Uma Reflexión sobre la Historia local y el Microanálisis**. IEA-Universidad de Zaragoza, 2001. p. 73-91. Disponível em: <<http://www.uv.es/~jserna/local.htm>>. Acesso em: 08 jul. 2005.

<sup>83</sup> ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JOÃO LEOPOLDO LIED. **Depoimento Tomado de Orestes Dalle Mole, para Homenagem ao Título de “Cidadão Gramadense”**. Gramado, Lei Municipal nº 760/85, 1985.

Ele e a esposa foram morar no sótão da casa de comércio que seu cunhado, Augusto Zatti possuía. Com sua entrada a empresa passou a ser chamada de Zatti & Dalle Molle. Descreve o interior dizendo que à esquerda os secos e molhados, com grandes tulhas e os cereais a granel, a balança para a conferência do cliente. Do outro lado, utensílios destinados ao uso doméstico; baldes, regadores, bacias, urinóis, caçarolas, canecas e paineleiros, louças de barro, cafeteiras esmaltadas, chaleiras, tamancos e chinelos de flanela. No balcão central em forma de “U” , as gavetas eram utilizadas para guardar as rendas, agulhas, botões, alfinetes, grampos para cabelo, meias, e os armarinhos. Tecidos em metro como pelúcia, brim e chitas. Vendiam ainda pás, facões, foices, arame farpado, pregos e tachos. A corda era mercadoria permanente. O estabelecimento também colocava à venda, artigos e objetos femininos, pó de arroz, sabonetes e colônias aromáticas. Pequenos objetos de porcelana para presentes, brinquedos para crianças, peças de roupas prontas, doces e balas compunham os itens da loja. Para os homens a brilhantina e fumo. Na frente do estabelecimento, palanques de madeira para os fregueses amarrar seus cavalos.

É através do depoimento que o passado vem para o presente e mostra o calor das relações domésticas. KOPPE<sup>84</sup> diz que “*meu pai era agricultor*”.

*Ele e minha mãe, recorda, foram morar na localidade de Capinzal, Santa Catarina. Foi lá que eu nasci . Mas quando tinha sete meses, em 1932, a mãe adoeceu e vieram morar em Gramado com a avó Pierina, no Hotel Bertolucci. Quando completou um ano, a mãe já estava melhor e retornaram para Santa Catarina. Mas Koppe ficou com seu avô Henrique que já estava apegado, e que não me deixou que eu partisse. Desde criança passei a andar pelo hotel. O prédio era grande e todo de madeira”.*

Relata ainda, que no hotel “*não tinha água encanada e a fiação elétrica era aparente*”.

---

<sup>84</sup> KOPPE, Iraci Casagrande. (74 anos). **Depoente**. Residente em Gramado.

A experiência de vida de Diva MASOTTI<sup>85</sup> revela que nasceu na “*Sétima Léguas, Travessão D. Pedro II, Caxias do Sul*”. Seu avô, em 1938 comprara terras na localidade de Linha Bonita que foram divididas para os seus quinze filhos. Seu pai passou a plantar árvores frutíferas, para vender a Clodoveu Zatti<sup>86</sup>, que já tinha uma pequena fábrica de “chimier” e geléias no centro do povoado. O negócio foi se expandindo e passaram a atender os hotéis Bertolucci e Candiago. Em 1949, a família abriu sua empresa no mesmo local. A fábrica estava localizada na esquina da Avenida Borges de Medeiros esquina com a Rua João Petry.

Algumas famílias do interior do município de Gramado começaram da mesma forma que os depoentes. Primeiro a casa e o seu entorno com as criações<sup>87</sup> para cobrir as primeiras necessidades, em seguida, a procura de uma cultura que garantisse a sobrevivência. Esse modo de produção inseriu muitos agricultores no mercado.

### 3.3 O Passado e a Memória

Ainda não há unanimidade dentro das ciências humanas do que vem a ser a *memória*. Entretanto, as construções existentes são suficientes para dar forma às propostas de pesquisas. Jacques Le Goff<sup>88</sup> sustenta que a memória, é “*a propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem*

---

<sup>85</sup> ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JOÃO LEOPOLDO LIED. **Depoimento Tomado de Diva Masotti, para homenagem ao Título de “Cidadã Gramadense”**. Gramado, Lei Municipal nº 1.345/95, 1995.

<sup>86</sup> ZATTI, Clodoveu. **Dono da primeira fábrica de “Chimier” de Gramado**. Anos 20/30.

<sup>87</sup> Esse é um termo muito utilizado pelo agricultor ao se referir aos animais domésticos: galinha, porcos, ovelhas, vacuns em geral.

<sup>88</sup> LE GOFF, Jacques. **História, Tempo e Memória**. 3. ed. Campinas: UNICAMP, 1994. p. 203.

*pode atualizar as impressões ou informações passadas ou que ele representa como passadas”.*

Através da apreciação que o autor tece sobre a memória, infere-se que no campo da *psique* existe um espaço responsável pela conservação dos atos diuturnos praticados pelo homem. Nesse jogo dialético, ao passo que algumas informações com o passar do tempo perde-se nas brumas, outras permanecem fazendo com que os momentos decisivos das comunidades possam ser reconstruídos. VON SIMSON<sup>89</sup> sustenta que a memória é a *“capacidade humana de reter fatos e experiências do passado e retransmiti-los às novas gerações através de diferentes suportes empíricos como a voz, música, imagens, textos, etc”.*

A mesma autora divide os estágios da memória em três campos: a memória individual, a memória coletiva e as memórias subterrâneas ou marginais.

Para a pesquisa proposta, a primeira enquadra-se por sua dualidade. Diz ela que: *“memória individual é aquela guardada por um indivíduo e que se refere às suas próprias vivências e experiências, mas que contém também aspectos da memória do grupo social onde ele se formou, isto é, onde esse indivíduo foi socializado”*<sup>90</sup>.

Gramado ainda tem no seu meio social, integrantes que nos dão conta do passado. Suas experiências de vida são verdadeiras instituições sócio-culturais que permitem a

---

<sup>89</sup> VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. **O Papel das Instituições:** Memória na Sociedade do Esquecimento. In: SEGUNDO ENCONTRO DE HISTÓRIA ORAL DO NORDESTE – Salvador-BA, UNB, 2000. p. 122-127.

<sup>90</sup> VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes; JOUTARD, Philippe. “História Oral: Balanço da metodologia e da Produção nos últimos 25 anos. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (Orgs.). **Usos e Abusos da História Oral.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 43-61.

reconstrução. A memória desses personagens, nas palavras de CUNHA<sup>91</sup> “são um dos caminhos para o conhecimento do passado”.

Os depoimentos colhidos permitem estabelecer algumas inferências; as primeiras letras, os primeiros valores, as primeiras experiências individuais e coletivas, seguidos por todos os demais estágios sócio-culturais, comuns nos espaços coloniais ou não. Essa interligação social, de certa forma, contribuiu para a construção de uma identidade lastreada no orgulho de serem descendentes de italianos que vieram para o Brasil em busca de melhores perspectivas de vida. Afora os benefícios prometidos para essa etnia, nada resta sobre os fatos que deram origem, desencadeadores, da transmutação humana no último quartel do século XIX até meados do XX, nos demais Estados da federação e em especial no Rio Grande do Sul.

A comunidade de descendentes de italianos das terras de Gramado não conheceu o trabalho escravo, assim como seus antepassados também não, mesmo considerando que entre os anos de 1875 e 1888 tenham passado treze anos, espaço de tempo relativamente curto para ocultar essa condição político-social. Portanto, o trabalho do imigrante foi uma disputa travada de forma descompensada entre as condições econômicas, climáticas, ambientais, e culturais acrescida das rápidas experiências assimiladas abruptamente.

As palavras de MAESTRI FILHO<sup>92</sup> são oportunas quando sustenta a presença do europeu, como mão-de-obra substituta da escrava:

*[...] O trabalhador se dirigia para o Novo Mundo para melhorar seu nível de vida e fugir da miséria que a Europa lhe oferecia. Dificilmente aceitaria um ritmo de*

---

<sup>91</sup> CUNHA, Maria Clementina. **A Construção Histórica do Patrimônio Público**. Campinas: UNICAMP, 1992. Disponível em: [www.consciencia.b/reportagens/memoria/o6Sthml](http://www.consciencia.b/reportagens/memoria/o6Sthml)>. Acesso em: 02 fev. 2005.

<sup>92</sup> MAESTRI FILHO, Mario José. **O Escravo no Rio Grande do Sul**. A Charqueada e a Gênese do Escravismo Gaúcho. EDUCS/EST, 1984. p. 22.



*trabalho superior ou mesmo igual ao que tinha abandonado, pois aqui tinha a alternativa de viver como produtor independente na periferia da sociedade colonial.*

Se para o imigrante, o Brasil foi o desafio máximo onde as oportunidades se apresentavam de forma distintas da Pátria-mãe, para os descendentes que se estabeleceram em Gramado não foi diferente. Restou evidente em todo o processo de coleta de dados, que o trabalho serviu não só para a sobrevivência dos núcleos familiares, mas também para assegurar a continuidade das gerações, pois à volta apresentava, naquele momento, condições mais sérias do que a chegada. Por outro lado, essa corrente migratória italiana assim como a alemã, por serem tardias, encontraram-se com descendentes de luso-brasileiros, os quais já se possuíam títulos de propriedade por força das determinações imperiais. Em 1747, segundo IOTTI ocorre a transferência de súditos. Mais tarde, através do Decreto de 1º de Setembro de 1808 o D. João VI:

manda vir da Ilha dos Açores 1.500 famílias para a Capitania do Rio Grande do Sul [...] favorecendo quanto ser possa o seu Estabelecimento, na firme esperança que daí haja de resultar um grande aumento de povoação, com que depois não só resulte o acréscimo de riqueza e prosperidade da mesma Capitania, mas se segure a sua defesa em tempo de guerra<sup>93</sup>.

Essa etapa, início da corrente imigratória, é preparada chegada de Alemães em 1825 e posteriormente os italianos, em 1875.

---

<sup>93</sup> IOTTI, Luiza Horn (Org.). **Imigração e Colonização, de 1747-1915**. Porto Alegre: EDUCS, 2001. p. 41.

### 3.4 A Base do Iceberg – Construção do Lugar

Não há consenso de que os italianos formam um grupo majoritário nas terras de Gramado. Dados concretos inexistem e o que mais expressa a realidade é a lista que compõem o plebiscito pré-emancipatório. A busca para conhecer o processo de chegada às terras do município encontra relativa identidade entre o que a história oral produz e o que o documento primário informa<sup>94</sup>. A documentação aponta que na primeira década do século XX, transações imobiliárias eram recorrentes. A pesquisa apontou que em o ano de 1908 foi realizado cerca de trinta escrituras. Essa documentação notarial é importante, na medida em que comprova dois fatos importantes: o primeiro é a chegada do imigrante ou de seus descendentes nas terras pertencentes ao Quinto Distrito de Taquara. O segundo, é que a posse anterior é de italianos ou de seus descendentes. Essa situação jurídica, ao longo das décadas irá se ampliar a presença desse grupo étnico, o que foi comprovado pelo elevado número de famílias de sobrenomes italianos, na sua maioria originários da região do Trento. A história de vida dessa gente está escrita nessas páginas.

A oralidade é metodologia e segundo SILVA<sup>95</sup> a

constituição do documento oral se fundamenta na parceria entre pesquisador e depoente, o resultado dessa co-autoria é um registro capaz de expressar relatos que sejam fidedignos e nessa perspectiva, a recuperação das falas individuais deve ser confrontada com todos os vestígios disponíveis.

<sup>94</sup> Notas do Quinto Distrito de Taquara do Mundo Novo. Livro número 86, Ano: 1898, fls. 29, 36, 37, 38, 43, 43v°, 44,44v°, 45, 45v°. Livro número 86, Ano: 1908, fls. 1v°, 3,3v°, 4,4v°, 5,5v°, 6,6v°, 12,12v°, 13,13v°, 14,14v°, 21v°, 22,22v°, 23, 26v°, 27,27v°, 29,29v°, 35v°, 36,37, 51,51v°,52,52v°, 53, 57,57v°,58, 76v°, 78,68v°, 79,79v°, 80,80v°, 81,81v°, 86,86v°, 87, 95v°, 96 e 97.

<sup>95</sup> SILVA, Lucas Henrique Franco. **História oral e a Identificação dos Novos Campos de Pesquisa**. UNI-BH. Disponível em: <<http://www.consciencia.b/reportagens/memoria/o6Shtml>>. Acesso em: 02 fev. 2005.

É no campo da oralidade, que reside a fórmula que dá a concretude para reconstruir o caminho trilhado por essa comunidade étnica. Não se busca dados quantitativos, almeja-se, que dentro do princípio qualitativo o corpo social da comunidade italiana, combinado com esses olhares do passado, permite a reconstrução dessa comunidade. Alguns aspectos sobre o município de Gramado devem ser levantados para a compreensão do todo.

O depoimento é uma evocação. Uma evocação do passado. Isso, nas palavras de CONSTANTINO<sup>96</sup> se traduz na busca do saber histórico. A seqüência das palavras, as fotografias ou a referência a alguns objetos ou ainda alguns fatores circunstanciais aos poucos vão transformando-se, e o passado transporta-se para o presente. Jovani Stangherlin<sup>97</sup>, descendente de João Bordin, imigrante italiano, que chegou ao Brasil em 1878 estabelecendo-se no Travessão Cavour da Segunda Légua. Seus filhos Augusto e Antônio Bordin, nos primeiros anos do século XX, adquirem terras na localidade denominada Vinte e Oito, zona rural do município de Gramado. O depoente guarda o que sua mãe lhe relatava. Dizia ela *“que seu avô e seu tio saíram da casa paterna a procura de um espaço maior, visto que a família era numerosa”*.

Tais argumentos independem de um aprofundamento maior, visto que a historiografia da imigração italiana no Estado é uníssona em afirmar que os espaços coloniais tornaram-se pequenos diante do aumento das famílias. O ideário era de que quanto maior fossem esses grupos, mais braços serviriam para o trabalho. Esse costume de manter famílias numerosas manteve-se por longas décadas, diminuindo sensivelmente na passagem da quarta e quinta gerações.

---

<sup>96</sup> CONSTANTINO, Núncia Santoro de. **O italiano da Esquina – Meridionais ns Sociedade Porto Alegre e Permanência da Identidade entre Moraneses**. Tese de Doutorado. São Paulo, 1990.

<sup>97</sup> STANGHERLIN, Jovani. **Depoente - Bancário aposentado – 63 anos**. Residente em Gramado.

O mesmo depoente informa que após o êxito econômico, frutos extraídos da agricultura e da criação de suínos, seu avô transferiu-se para o centro da cidade abrindo uma casa de comércio.

### 3.5 Os Olhares e as Lembranças

As atividades primárias foram responsáveis pelo melhoramento econômico das famílias que se radicaram em Gramado. Esse processo de crescimento e desenvolvimento das famílias italianas foi reconhecido. CONSTANTINO<sup>98</sup> informa que em 1925, por ocasião das comemorações do Cinquentenário da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul a cidade de Gramado aparece como pólo de concentração italiana.

A rede de informações que se estabelecem a partir dos depoimentos demonstra claramente que pouco sobraria para os descendentes de italianos, acaso permanecessem junto à casa paterna. Nair PERINI<sup>99</sup> “relata que seu pai Francisco saiu dos Santos Anjos”, Forqueta<sup>100</sup>, “com 15 anos de idade”. Segundo ela, fora motivado pela notícia de que o Estado incentivava a compra de terras a juros baixos. Entretanto, sabe-se que efetivamente transferiu-se pelo amor á primeira vista despertado por Angelina Bordin.

Dentro deste contexto, provocado pelo deslocamento de homens e mulheres novas vidas surgiram. Isso foi o que aconteceu com Nair Perini; relembra a história que seu pai lhe

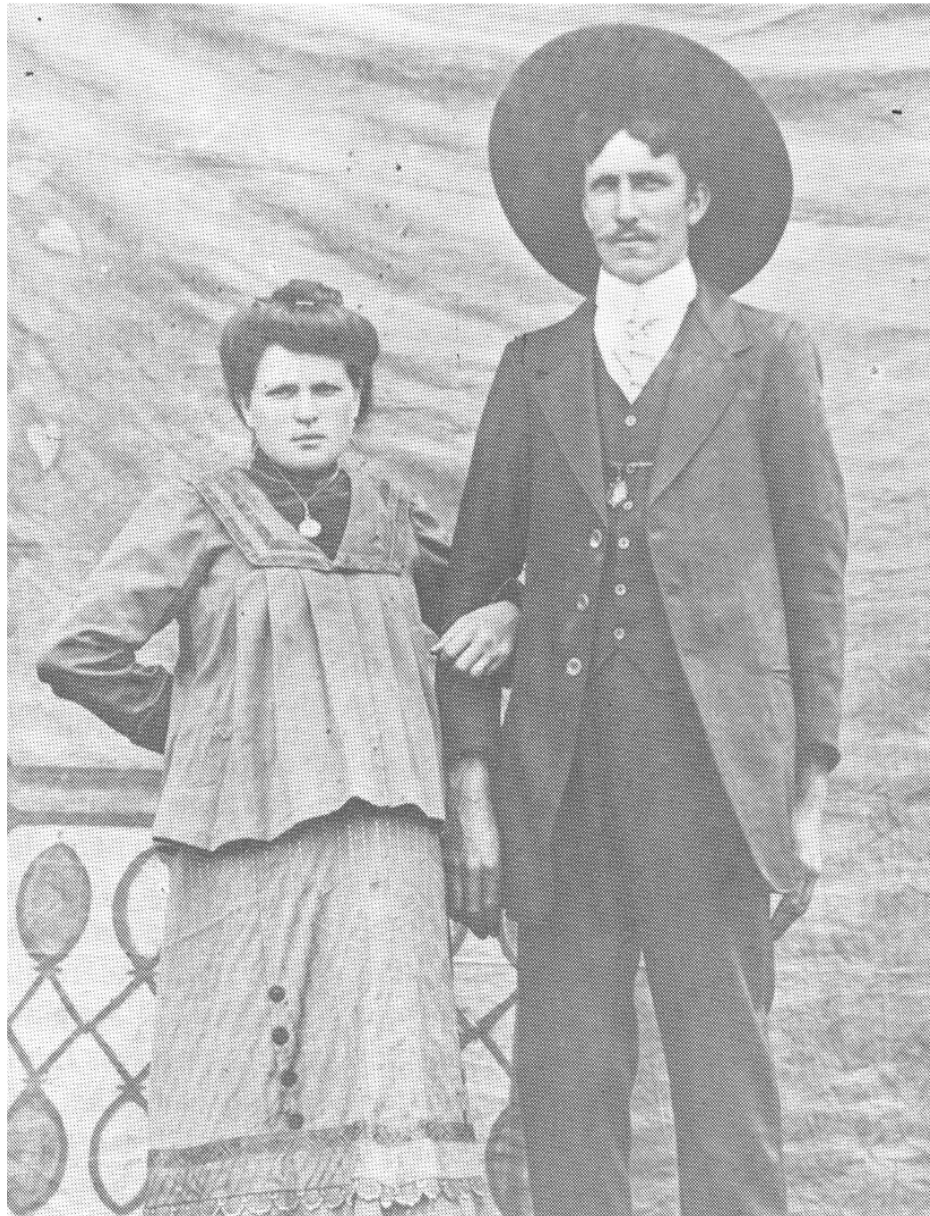
---

<sup>98</sup> CONSTANTINO, Núncia Santoro de. **Raízes de Gramado**. Gramado: Prefeitura Municipal de Gramado, 1992. p. 34.

<sup>99</sup> PERINI, Nair. (76 anos). **Depoente - Aposentada, filha da primeira geração de imigrantes**. Residente em Gramado.

<sup>100</sup> Hoje, Distrito de Caxias do Sul.

contava. Comenta que “*ele passava pela propriedade da família de Augusto Bordin, pediu abrigo, pois um forte temporal se formava*”. O “*papai*” - diz emocionada - “*foi se abrigar no paiol e ao passar, viu uma moça<sup>101</sup> muito linda [...] eles se apaixonaram naquele momento*”, desabafa com lágrimas nos olhos. Menos de um ano, os personagens uniram-se em matrimônio no dia 30 de maio de 1916.



**Figura 11 - Angelina e Francisco Perini - 1920**

Fonte: Acervo do Autor.

---

<sup>101</sup> Angelina Bordin Perini, mãe da depoente.

Evocar o passado é também percorrer lugares. GUIMARÃES NETO<sup>102</sup> refere que só há lugar quando freqüentado por espíritos múltiplos, ali considerados em silêncio, de que se pode evocar ou não. Só se pode morar num lugar assim povoado de lembranças. Percebe-se pela narrativa da depoente que a situação criada pelo passado lhe é preciosa. Ao buscar a lembrança de seus pais, a personagem recria o lugar em que viveu por décadas. A reconstrução do passado em especial aquelas que dizem respeito a histórias de vida, não é somente um exercício de rememoração do passado; é, sobretudo, uma questão de valor histórico.

Um terceiro depoimento dá conta da chegada de descendentes italianos nas terras de Gramado. Gema Casiraghi<sup>103</sup> relata que seu pai veio, ainda criança, com um tio-avô. Conta ela, que seu parente estava à procura de terras para plantar milho. Diz ainda que *“ele demorou ainda uns oito anos para fixar residência e que isso só ocorreu por volta de 1913”*. Relata que, depois da fixação nas terras, *“o pai plantou milho, feijão e parreiras. Esse era o sustento deles”*, afirma. Lembra das palavras de seu pai: *“as raízes das parreiras gostam de ouvir o sino da Igreja, por isso as raízes ficam aparente”*. Finaliza emocionada: *“Jamais esquecerei essas palavras”*.

O imigrante trouxe em sua parca bagagem a espiritualidade. Percebe-se que a relação com Deus estava presente em todos os momentos e também serviu para justificar o sucesso – graças a Deus - assim como o infortúnio – é a vontade de Deus.

---

<sup>102</sup> CERTEAU *apud* GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. **Passos Nômades – Narrativas de Espaço – Construção das Novas cidades e Memória Histórica**. Brasília: UNB, 2001. p. 343-344.

<sup>103</sup> CASIRAGHI, Gema. (67 anos). **Depoente - Professora municipal aposentada**. Residente na Serra Grande, zona rural de Gramado.

A metáfora também oferece possibilidades. Para Gema, o sino da Igreja é a porta de entrada para as lembranças familiares. Relata que seu pai lhe dizia que as raízes das parreiras necessitavam ouvir o sino da Igreja. As experiências de vida dos narradores permitem voltar o olhar e recriar as cenas, mesmo que parcial do passado. É através deles que podemos buscar histórias de vida, passagens e registro dos sentimentos mais profundos. Cabe também uma observação; nas lembranças dos depoentes há mais sofrimentos do que momentos alegres.

É corriqueiro que a vida cotidiana das famílias que contornaram as terras de Gramado foi acompanhada de muito trabalho, Apesar de tudo, legaram aos seus descendentes valores sociais e culturais suficientemente fortes que lhes permitem, hoje, recuperá-los com orgulho.

Os relatos de vida dos antepassados compuseram por algum tempo, o ideário das famílias. Essa união, inegavelmente, protegeu e ofereceu as famílias um grau de pertencimento a ponto da tradição oral manter-se relativamente acesa. Era nos dias de frio e chuva que as mulheres circundavam o fogão e passavam aos mais jovens a sagas dos que vieram antes. Apesar da pequena sistematização dessas lembranças, existem três relatos preservados junto ao Arquivo Histórico Municipal *João Leopoldo Lied*<sup>104</sup>. Fabiano Fiorezzi registra que seu

*“bisavô veio da Itália em 1888. Deixou a região de Gorizzia para trabalhar no Brasil. Chegou à localidade de Campo dos Bugres, hoje Caxias do Sul e, logo que pode, veio para a Linha Bonita”.*

Marejane Benetti relata que sua *“bisavó Mônica chegou em Porto Alegre, no começo do século XX e lá ficou por alguns meses e depois veio para Gramado”*. Outra história de

---

<sup>104</sup> FIOREZZI, Fabiano, 11 anos; BENETTI, Marejane, 12 anos; MUNARETTO, Mauro, 12 anos. Esses relatos foram registrados através de trabalhos escolares realizado pela Escola Estadual João Benetti Sobrinho em 1994 - arquivado na pasta 11, gaveta nº 04.

vida é de Mauro Munaretto, bisneto de Giuseppe Munaretto, proveniente do norte da Itália e que chegou ao Brasil por volta de 1882. A avó de Mauro, Viola Deolinda Munaretto, foi quem socializou essa informação.

Mauro MUNARETTO<sup>105</sup> reconstrói o cotidiano de seu ancestral e diz que:

*“ele veio para a Linha São Roque e construiu uma casa de madeira muito simples, o chão era de terra batida e que o telhado era de tabuinhas [...] Arou as terras para cultivar milho e feijão”.*

Informações semelhantes sobre a precariedade das primeiras acomodações, estão inseridas na historiografia de Gramado<sup>106</sup>. Os relatos das histórias de vida possuem em si a função de buscar a compreensão do homem no tempo<sup>107</sup>. O tempo dos jovens, não é o tempo de seus avós ou bisavôs, entretanto, ao trazê-los para presente outras *re*construções foram possíveis, como por exemplo, a viagem de navio, a alimentação, o vestuário, as dificuldades com o idioma, o preparo da terra, entre outros. E mais, o fato histórico reconstruído pelos depoentes evoca o coletivo, quer na questão do fato em si, como na composição família-escola-sociedade. FELIX<sup>108</sup> sustenta que:

O fato histórico é, antes de tudo, o coletivo na medida em que a história não examina fatos individuais isolados, mas encadeamentos e relações de fatos. Esses são, sempre selecionados a partir da ótica do presente, que localiza no passado a multiplicidade dos fatos e seus desencadeamentos, lógicas e nexos mesmo que não mais advogando a continuidade linear.

<sup>105</sup> FIOREZI, Fabiano, 11 anos; BENETTI, Marejane, 12 anos; MUNARETTO, Mauro, 12 anos. Esses relatos foram registrados através de trabalhos escolares realizado pela Escola Estadual João Benetti Sobrinho em 1994 - arquivado na pasta 11, gaveta nº 04.

<sup>106</sup> BLUM, Germano Marcolino (Org.). **Gramado Simplesmente Gramado**. Gramado: Prefeitura Municipal de Gramado, 1987. p. 171.

<sup>107</sup> RODRIGUES apud FÉLIX, Loiva Otero. **História & Memória – A Problemática da Pesquisa**. Passo Fundo: EDIUPF, 1998. p. 44.

<sup>108</sup> FÉLIX, Loiva Otero. **História & Memória – A Problemática da Pesquisa**. Passo Fundo: EDIUPF, 1998. p. 81.



Esses diálogos também deixam claro que o processo colonização contribuiu para a criação do mito, do imigrante heróico, do trabalhador que soube economizar e que foi, segundo REBOUÇAS<sup>109</sup>, o estruturador da economia gaúcha.

### 3.6 O Passado por Um Fio de Seda

Através da falta de sistematização de histórias de vida, não dá para afirmar categoricamente que parcela dos habitantes de origem italiana nas terras de Gramado conhece ou preserva a origem de seus antepassados. Tal fato leva a duas hipóteses diametralmente opostas: a primeira aponta a falta de interesse. A segunda aponta para o desejo de obter essas informações e transformá-las numa rede de significados.

Em 1992, Rubem BERTOLUCCI<sup>110</sup> realizou um levantamento minucioso sobre os antepassados. Nessa obra genealógica familiar, o autor assevera que não havia convivido com os *mais antigos*, que não sabia de onde vieram, onde se estabeleceram, quantos eram e por que vieram. Essa foi a pergunta que o pesquisador formulou para erguer as bases da reconstrução. A curiosidade e poucos fragmentos possibilitaram ao autor a reconstrução de seu passado.

---

<sup>109</sup> REBOUÇAS, André. **RS: Imigração & Colonização – Coletânea Terra Gaúcha**. 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996. p. 65-66.

<sup>110</sup> BERTOLUCCI, Rubem. **Árvore Genealógica de Henrico Bertolucci e Maria Ceconatti**. Porto Alegre, 1993. (Acervo pessoal).

Embora os pressupostos de pesquisa apareçam de formas diferentes, Bertolucci e GINZBURG<sup>111</sup> tiveram que se debruçar sobre pequenos fragmentos para dar significado a seus interesses. Ambos estavam preocupados por histórias de vida, pela micro-história, pela história local. O primeiro levantou e reconstruiu a sua origem. O segundo, reconstruiu a vida de um personagem perseguido pela Inquisição, séculos antes de iniciar as grandes navegações que iriam trazer imigrantes italianos para o Brasil.

O levantamento de Bertolucci tem um significado importante para a história de vida dos descendentes da família Casagrande: trouxe para o presente Ferdinando Casagrande<sup>112</sup>, um dos seis filhos havidos entre o casal Vincenzo Casagrande<sup>113</sup> e Ângela Vendramini, naturais de Treviso/Itália. O casal, assim como tantos outros, chega a Caxias do Sul no dia 08 de janeiro de 1879. Em 10 de janeiro de 1882, recebe o título provisório da terra. O lote 55, do Travessão Thompson Flores da 9ª Léguas, que será o novo lar em terras brasileiras e onde as páginas de vida continuaram a sere escritas. Ferdinando Casagrande, quando chegou ao Brasil, tinha apenas 11 anos de idade. Como qualquer menino de sua idade, deveria fazer o que seus pais mandavam. É provável que as condições ambientais do local lhe parecessem estranhas; muita mata, pássaros e o encanto da aventura e do desbravamento devem ter seguido os anos desse imigrante. Em 30 de janeiro de 1877, Pietro BELLANDE<sup>114</sup> chega à Colônia com a mulher Teresa e cinco filhos, entre os quais Grazia, com oito anos de idade. Instalam-se na 9ª Léguas no Lote nº 56 do Travessão Thompson Flores. Ingênua, meiga e provavelmente assustada com o que via ao seu redor, essa menina já com 23 anos, contrairá

---

<sup>111</sup> GINZBURG, Carlo. **O Queijo e Os Vermes – O Cotidiano e as Idéias de Um Moleiro Perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

<sup>112</sup> Ferdinando Casagrande é Bisavô do autor.

<sup>113</sup> ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL. **Fundo Documental Imigração, Terras e Colonização**. Códice C-231, Livro de Matrícula de Colonos (comissão de Terras e Colonização – 4º Livro), Folha 8, Registro:1208, número de Ordem 1.

<sup>114</sup> ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL. **Fundo Documental Imigração, Terras e Colonização**. Códice C-231, Livro de Matrícula de Colonos (comissão de Terras e Colonização – 4º Livro), Folha 9, Registro:1210, número de Ordem 1.

núpcias com o jovem de 26 anos, Ferdinando Casagrande, no dia 18 de junho de 1898<sup>115</sup>. Não se têm notícias dos sete primeiros anos de casamento, porém está sistematizado<sup>116</sup> que em 1905, o casal parte para fixar residência na localidade Moreira<sup>117</sup>, distante do centro urbano de Gramado, cerca de 10 quilômetros. O casal constrói sua casa e investe na criação do bicho da seda, atividade que seu pai Vincenzo desenvolvia na Itália.

As amoreiras e a família florescem junto com o bicho da seda. Desse cotidiano não há nada escrito, porém sua neta Iraci, escreve que Grazia e Ferdinando estiveram envolvidos na fabricação de chales, lenços e demais indumentárias, por aproximadamente 10 anos. Essa atividade é interrompida por um inverno rigoroso, cuja neve consome com a plantação de amoreiras e o trabalho artesanal é encerrado.

Em 1923, Ferdinando e a família<sup>118</sup> transfere-se para o povoado de Gramado e passa a exercer atividades de açougueiro.

Novamente torno-me um depoente:

*“Albino Casagrande, não conseguiu superar as dificuldades naturais impostas por uma vida simples, transferiu-se com a família para Santa Catarina trabalhando nas serrarias. Deixou cinco filhos havidos do matrimônio com Gema Boff. Lá se une com Olívia. Retorna a Gramado doente, herança do alcoolismo, com mais seis filhos. Os filhos do primeiro casamento constituíram suas famílias na região. Seu filho Lauri, meu pai, casa-se com Zilla Perini. Ambos continuam escrevendo as páginas de suas vidas em relativo silêncio, acompanhando o crescimento de seus netos”.*

<sup>115</sup> Certidão de Casamento número 444, Folha: 62, do Cartório de Registro Civil da Comarca de Caxias do Sul.

<sup>116</sup> DRECKSLER, Carlos Gilberto; KOOPE, Iraci Casagrande. Memória. **Jornal de Gramado**, Gramado, 25 maio 1995. p. 20.

<sup>117</sup> É incerto, se o nome dessa localidade tem origem com a atividade exercida pelo casal, visto que naquela região, havia uma outra família com o mesmo sobrenome, descendentes de luso-brasileiros.

<sup>118</sup> Tiveram 13 filhos: Vandelina, Terezinha, Genuíno, Angelina Genuína, Augusto, Albino (avô do mestrando), Querino, Albina, Eugênia, Benedito, Olga e Aurora.

As redes pessoais levantadas, demonstram que a trajetória do imigrante contribuiu para formação de laços familiares significativos na medida em que permitem, através dos levantamentos, a reconstrução da identidade individual e coletiva, necessárias para a formação das comunidades. Esses mecanismos sociais ao ultrapassar as barreiras do tempo comprovam a importância da micro-história regional.

### 3.7 Os Italianos na Escola: os Saberes que Libertam

Há um único registro conhecido da existência de “escola” no primeiro quartel do século XX na região da colônia. Trata-se de livro de apontamento preservado pelo sobrinho neto de Luiz Moschem que, lecionava na localidade de Tapera Baixa no ano de 1914<sup>119</sup>. Embora se encontre em más condições de preservação é possível perceber que a lista de descendentes de italianos é expressiva. Esse caderno serve de indicativo, pois comprova que naquela localidade estavam assentadas inúmeras famílias com sobrenomes italianos. Os registros presenciais iniciam no mês de abril estendendo-se até o mês de Novembro de 1914.

O ensino nas terras de Gramado, não diferiu dos demais povoados. A diferença é que na comunidade evangélica o professor, na maioria das vezes, era o pastor e na comunidade italiana prevaleceu, em geral, a forma descrita por AZEVEDO<sup>120</sup> “[...] na Igreja, um colono alfabetizado ensinava as crianças. O grau de escolaridade dessa comunidade não passou das primeiras séries. Alfabetizado o filho deixava a escola para trabalhar na roça”.

<sup>119</sup> Esse livro de registros, foi doado ao pesquisador por Gerci Moschem, sobrinho neto do professor.

<sup>120</sup> AZEVEDO, Thales de. Os Italianos no Rio Grande do Sul. **Cadernos de Pesquisa**, Caxias do Sul: EDUCS, 1. ed., Verbete 111, p. 93, 1994.

A escola liberta. Há inúmeras obras sobre o tema e hoje se sabe que o filho do imigrante, em especial o italiano, deveria trabalhar mais do que estudar daí a justificativa para o expressivo número de filhos, e por extensão, o sucesso econômico. Entretanto era desejo das famílias proverem, de alguma forma, às futuras gerações com os saberes. Não há informações nem registros que apontem na direção de que alguma família italiana da zona urbana ou rural de Gramado mantivesse um instrutor para seus filhos. Dessa forma, a educação formal ficou a cargo dos professores em escolas públicas quando o acesso era possível.

O livro de apontamentos consultado abre as portas do passado. A presença do professor, o nome do aluno, a data do registro são elementos constitutivos da reconstrução do processo histórico, de alguma comunidade. Não se busca, nesse momento, reconstruir os caminhos desses alunos ou seu cotidiano escolar ou cultural, importa, outrossim, o enquadrá-lo na moldura do tempo; para confirmar a presença de famílias da etnia italiana em Gramado, o livro em comento, é de singular importância.

A historiografia do município aponta o agricultor João Benetti Sobrinho, como descendente de imigrantes italianos. Esse doou terras para construção de uma escola, hoje sob a administração do Estado. O estabelecimento de ensino leva o seu nome e está localizada na Linha Bonita, zona rural do interior do município. Da mesma forma, Augusto Bordin doou terras para construção de uma escola municipal na localidade de Linha Vinte e Oito, a qual levou o nome de Fagundes Varela. Essas Escolas datam da terceira década do século passado.

Outra doação de terras para construção de uma escola foi realizada pela família Ferrari, imigrantes italianos que chegaram a Gramado no início do século XX. A mesma estava localizada na chamada Linha São Roque<sup>121</sup> e foi edificada em 1924. Na localidade Tapera Baixa, não há registro de prédios específicos na década apontada no livro ponto. Entretanto, há uma pequena capela cuja construção é do período.

Sobre o professor Luiz, autor do livro pouco se sabe. Uma das únicas informações que seu sobrinho neto possui é que o mesmo morreu cedo e está enterrado no cemitério da localidade. Diz ainda que o “*pai de Luiz chamava-se Vincenzo e a mãe Thereza*”. Segundo ele, “*a mãe de Luiz retornou para a Áustria*”<sup>122</sup>. Do pai do professor não há registros. Tentou-se aprofundar a pesquisa sobre a pessoa do professor, porém nada foi localizado. Embora não tenha sido exitosa em relação ao professor, a pesquisa encontrou o Relatório do Conselho Municipal de Taquara<sup>123</sup> datado de 1923, correspondente ao exercício de 1922, consta que, no Quinto Distrito de Taquara – Gramado -, lecionavam os professores: João C. Spall, na localidade de *Morro dos Bernard*, Reinaldo Bischoff, na localidade de *Gambelo*, Rodolfo Stracke na localidade de *Linha Araripe*, Maria E. Nicolay, na localidade de *Linha Nova*, Virgílio J. Corrêa na localidade de *Várzea Grande*, Theobaldo Dienstmann, na localidade da *Tapera*, e Ricardo de Giacometti, na localidade *Furna*. Luiz Moschem, nesse período não recebia as subvenções municipais por desempenhar as atividades do magistério.

O livro presencial é um indicador importante; grande parte dos patronímicos tem sua origem na região italiana do Trento. Nessa lista estão registrados os sobrenomes: Sperandio, Livi, Desengrini. Lazzaretti, Bampi, Caberlon, Pegoraro, Setti, Bortolazo, Pilatti, Colório,

<sup>121</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE GRAMADO. **Gramado simplesmente Gramado**. Gramado, 1987. p. 172.

<sup>122</sup> A referência ao país está ligada a política da época: Trento pertencia ao Império Austro-Húngaro.

<sup>123</sup> ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JOÃO LEOPOLDO LIED. **Relatório ao Conselho Municipal de Taquara, 20 de Setembro de 1922**. Intendente Arnaldo da Costa Bard. Porto Alegre: Oficinas Graphics d’“A Federação”, 1923. p. 114.

Trentin, Echer, Dalri, Conte, Beretta, Demeneghi, Menegot. Nos sobrenomes Ecker, Dal-Ri e Baretta, há uma alteração, mas tudo leva a crer que não passa de algum equívoco cartorário, comum no passado.

Também era hábito que o filho homem mais velho fosse encaminhado para os estudos e matriculados em colégios de alguma ordem religiosa. Da mesma forma, uma das filhas seria orientada para o ingresso em algum convento. Das famílias de origem italiana nas terras de Gramado, sabe-se que José Francisco Perini seguiu os estudos até completar o curso equivalente, ao ensino médio e Íris Masotti ingressou na congregação das Irmãs Paulinas.



**Figura 12 - Escola Municipal Fagundes Varela - Apresentação de teatro.**

**Primeiro plano a comunidade. Linha Vinte e Oito – Anos 30**

Fonte: Acervo do Autor.



**Figura 13 - Escola Municipal Fagundes Varela – Linha Vinte e Oito – Anos 30**

**Professora: Elvira Benetti (em pé) – O terceiro da esquerda para a direita: Jaime Olavo Perini. Na fila do meio, primeira da esquerda para direita: Zilla Therezinha Perini. Na fila do meio, a quarta da esquerda para direita: Irma Moraes**

Fonte: Acervo do Autor.





**Figura 14 - Escola Municipal Fagundes Varela - Linha Vinte e Oito – Anos 40**  
**Atividade recreativa.**

Fonte: Acervo do Autor.

### **3.8 Os Riscos da Perda da Identidade**

Inferese que a comunidade de descendentes de italianos ou não, inseridas nos espaços urbano e rural, vem sistematicamente afastando-se da sua raiz na medida em que não conhecem os motivos geradores dessa migração interna. Através do levantamento realizado pela pesquisa, percebe-se que a escola do passado proporcionou somente a alfabetização tradicional. Esse quadro, com o passar das décadas deveria ter sido alterado. Entretanto ainda persiste o desconhecimento sobre o tema. Percebe-se que existem motivos que contribuem para esse problema. Entre eles evidencia-se: a privação, provocada ou não, da presença do jovem com pessoas mais velhas, a falta de interesse do jovem pela reconstrução histórica de

sua família e, acima de tudo, o avanço da tecnologia que desvia a aproximação entre o jovem e seus familiares. Infere-se que esses elementos estão contribuindo sensivelmente para a alteração do eixo cultural da cidade, na medida em que há uma exigência cotidiana natural do município, decorrente do profundo investimento na área do turismo em geral e do turismo rural em especial.

Para reverter esse quadro, segundo Carmem Lúcia V. PELLEGRINI<sup>124</sup> “*é necessário que a escola abra espaços através de debates e trocas de vivências ou sirva-se da metodologia de projetos onde é possível abordar qualquer assunto, inclusive o histórico familiar*”. Contudo, se o caminho da escola é o apontado pela depoente, torna-se urgente a conscientização dos grupos familiares sobre a necessidade e a importância do conhecer histórico familiar, social e cultural.

---

<sup>124</sup> PELLEGRINI, Carmem Lúcia V. **Professora formada em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul**. Especialista em Alfabetização e Práticas e Cultura Escultura Escrita pela Faculdade Ritter dos Reis, Porto Alegre. Depoimento prestado em 10 de maio de 2006.

## 4 O COLONO E A SUA PARTICIPAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO DE GRAMADO

### 4.1 Os Passos até a Chegada do Veranista

Para falar do turismo em Gramado, é necessário estabelecer fases. Ainda no raiar do século passado, as terras passavam por um melancólico desbravamento, formando um povoado circunscrito a descendentes de luso-brasileiros, a imigrantes alemães e italianos, em meio a uma natureza privilegiada despertaram, desde cedo para esse investimento. A tradição oral do município aponta que a região sediava algumas pensões. Entretanto, a historiografia de Gramado informa que em 1918 Henrique Bertolucci, comprara a pensão de sua prima Catarina Bertolucci, transformando-a no primeiro hotel do Povoado<sup>125</sup>. Em 1910, chega ao Povoado, João Fisch Sobrinho, sua esposa Selma Gerhardt Fisch com os filhos Semilda e Oscar, que deixara Passo Fundo, sua cidade natal. Vinte anos depois, João compra o hotel de um compatriota alemão de nome Weiss; é o segundo hotel que passa a receber o veranista<sup>126</sup>. Pouco mais tarde, na década de quarenta, Pedro Candiago e Helga Sperb também investem no ramo hoteleiro<sup>127</sup>.

A construção da estrada de ferro que ligou Taquara a Canela por mais de quarenta anos, foi fundamental para o desenvolvimento do turismo na região. A hospitalidade, a

---

<sup>125</sup> KOPPE, Iraci Casagrande; DRECKSLER, Carlos Gilberto. **Era uma Vez...! Relatos de Gramado**. Edição Comemorativa aos 25 Anos do Orbis Club de Gramado e 10 anos do Jornal de Gramado. Canoas: Escola Profissional La Salle, 1993. p. 103.

<sup>126</sup> *Ibidem*, p. 79.

<sup>127</sup> *Ibidem*, p. 89.

gastronomia, somada a paisagem que lembrava a Europa, gradativamente se tornaram os principais atrativos. Tais estratégias foram suficientes para atrair o veranista. Essa, pode-se dizer que foi primeira fase do turismo em Gramado quando ainda era 5º Distrito de Taquara.

A segunda fase, começa a partir da Emancipação. Em 1953 o movimento emancipatório dá os primeiros passos. Alcides AREND<sup>128</sup> relata que a comunidade da Vila de Gramado “*possuía uma forte tendência para se emancipar de Taquara, pois a região já estava amadurecida*”. Formada a Comissão, o povoado passa à condição de Município através da Lei Estadual nº 2.522, de 15 de Dezembro de 1954. O progresso de outrora é incentivado cada vez mais pela comunidade. Walter BERTOLUCI<sup>129</sup> destaca que para Gramado atingir os anseios da população, era necessário transformações. Nesse processo, além do profundo esforço comunitário, revela ele que alguns personagens<sup>130</sup> foram fundamentais para o desenvolvimento do município.

A região que já estava praticamente coberta pela hortênsia, flor de exuberância singular passa a compor e a integrar o toponímico da cidade. Em 1958 é realizada a Primeira Festa das Hortênsias<sup>131</sup>. Iraci C. KOPPE<sup>132</sup> diz: “*que foi a primeira vez que Gramado recebeu num mesmo instante a imprensa do Estado e autoridades*”. Essa aproximação segundo ela, “*é um dos mais importantes elos entre o município e o restante do País*”. Ato contínuo, a cidade engajou-se cada vez mais na sua proposta inicial; cooptar o turista oferecendo-lhe melhores

---

<sup>128</sup> AREND, Alcides, 84 anos. Depoimento prestado por ocasião das comemorações do cinquentenário de Emancipação política. In: ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JOÃO LEOPOLDO LIED. **Gramado Contado por sua Gente**. jul. 2004.

<sup>129</sup> BERTOLUCI, Walter, 86 anos. **Primeiro Prefeito eleito de Gramado**. Pronunciamento público em maio de 2004.

<sup>130</sup> KNORR, Oscar. Veranista proprietário de terras em Gramado; ROSENFELD, Leopoldo. Administrador dos bens deixados pelos herdeiros da baronesa Joaquina Rita Bier e construtor do Lago Negro; LIED, João Leopoldo. Primeiro tabelião.

<sup>131</sup> Evento que se realizava de 2 em 2 anos. A última edição foi em 1985.

<sup>132</sup> KOPPE, Iraci Casagrande. Primeira rainha do evento. Depoimento prestado por ocasião das comemorações do cinquentenário de Emancipação política. In: ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JOÃO LEOPOLDO LIED. **Gramado Contado por sua Gente**. jul. 2004.

condições, abrindo espaços de circulação pública, aqui entendidos os parques, jardins, arborização, planejamento urbano. No espaço privado, incluído nessa categoria, restaurantes, hotéis, e o comércio, ocorreram significativos avanços onde esse grupo gerador da economia e de opinião assumiu naturalmente o papel de divulgador da cidade.

O terceiro eixo está centrado na visão dos administradores públicos. Como homens de suas épocas, cada um fez o que estava além das iniciativas inerentes ao posto. Do primeiro mandatário ao atual, inclusive os intermediários<sup>133</sup>, entenderam que o investimento no turismo traria ao município a oportunidade de crescimento não só na área econômica como também no campo sócio-cultural. Promoveram eventos arrojados, acolheram eventos econômicos e comerciais de outras localidades e, souberam incentivar os eventos criados pela indústria e pelo comércio.

## **4.2 A Arte e o Progresso Turístico**

O desenvolvimento turístico a partir dos anos sessenta, que formam a quarta fase. Desse período destaca-se: O artesanato Gramadense, aberto em 1965, capitaneado por Elizabeth Rosenfeld e a “Mostra de Cinema”, no final de 1968, incentivado pela administração pública.

É indiscutível a participação de Elizabeth Rosenfeld dentro do projeto turístico do município na medida em que, através de suas peças inovadoras para a região, proporcionou o

---

<sup>133</sup> BERTOLUCI, Walter (duas legislaturas), MICHAELSEN, Arno, PERINI, Jose Francisco, WEBER, Waldemar Frederico, VOLK, Horst Ernest (interventor federal), DINNEBIER, Nelson (três legislaturas) BERTOLUCCI, Pedro Henrique (quatro legislaturas)

alargamento das fronteiras. Inicialmente a artesã introduziu na cidade o tear manual. Através desse modo de produção, além de apresentar uma nova padronagem aos tecidos de interiores, inclusive o vestuário recebe novos modelos. Da Alemanha trás novas tecnologias e faz do Artesanato Gramadense um expoente na arte da cerâmica ao alterar o seu *design*; peças de cerâmicas aparecem nas melhores revistas de interiores do país. A terceira revolução do artesanato Gramadense foi o mobiliário. Móveis projetados e confeccionados com madeira nobre, logo se transformam no desejo da classe média alta do Estado e do País. Essa empresa artesanal, além de permitir um alargamento nas relações econômicas da cidade, altera o comportamento do consumidor que passa a deslocar-se até Gramado para comprar.

Foi através da diretora do Artesanato Gramadense que a cidade conhece o conceito de artesanato até então restrito as atividades manuais por falta de tecnologias mais avançadas. Outra contribuição importante para a continuidade e exequibilidade desse projeto de desenvolvimento artesanal, foi a mão-de-obra especializada. A empresa nesse aspecto, foi uma das responsáveis pela cooptação da mão-de-obra, que já apresentava sinais de saturação nas colônias.

### **4.3 Cinema, Repressão, Política e Turismo**

Sobre o cinema e seu pioneirismo na cidade, deve-se ao baixo fluxo turístico no verão que perdia espaço para o litoral. Naquele ano de sessenta e oito, a semente foi lançada e frutificou. Em janeiro de 1973, foi entregue ao público amante da sétima arte, o Festival de Cinema de Gramado. Esse evento foi um verdadeiro desafio, não só para os organizadores

envolvidos, mas também para a cidade como um todo. Outro fator que contribuiu foi o período da sua realização, o Brasil atravessava pela mais rígida censura e esse fator tornou-se uma válvula de escape. Mesmo com a presença dos censores federais, o evento aconteceu. Atores, diretores, críticos e a Imprensa de todos os quadrantes do Brasil concorrem com a censura e com o ineditismo dos protagonistas. Aproveitando a situação sob a bandeira da liberdade de imprensa e expressão, esse segmento artístico levou Gramado às primeiras páginas dos jornais do centro do país.

É nesse momento que Gramado e região aparece na mídia nacional como a sede de discussões dos anseios democráticos, culturais e artísticos. Hoje na sua trigésima quarta edição, além de catalisar um público especializado, recebe turistas das mais variadas partes do Brasil e fora dele. A persistência na continuidade desse evento deve ser creditada não só aos administradores públicos, mas também a toda a comunidade inclusive aos empresários locais. Segundo VOLK<sup>134</sup>,

*“o evento estava por sofrer uma interrupção, pois o governo federal não aportou nenhum patrocínio para a sua efetivação. Em conjunto com a iniciativa privada fiz a minha parte; abri as portas da minha empresa e assumimos o evento”.*

No decorrer dos trinta e quatro anos o evento serviu de incremento e, o calendário turístico avançou em todas as direções. Percebe-se que esse comportamento imprimiu na comunidade novas responsabilidades e a cidade, como um todo, prosperou.

---

<sup>134</sup> VOLK, Horst Ernest. 76 anos. Depoimento prestado por ocasião das comemorações do cinquentenário de Emancipação Política. In: ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JOÃO LEOPOLDO LIED. **Gramado Contado por sua Gente**. jul. 2004.



**Figura 15 - Cine Splendid – 1936.**

Fonte: Acervo do Arquivo e Museu do Festival de Cinema de Gramado. PMG.



**Figura 16 - Festival de Cinema de Gramado -1997 - Premiação dos filmes vencedores**

Fonte: Acervo do Arquivo e Museu do Festival de Cinema de Gramado. PMG.



#### 4.4 As Novas Roupagens do Turismo

O desenvolvimento do turismo possui critérios específicos; um deles é a inovação. No verão de 1985, foram lançados, concomitantemente ao evento Festa das Hortênsias, dois outros: Natal Luz e a Festa da Colônia.

O primeiro Natal Luz foi singular, assim como o foram os demais. Toda a cidade foi iluminada com centenas de lâmpadas nas fachadas das casas comerciais e residenciais, um coro comunitário com centenas de pessoas com velas acesas, desfilam pelas ruas da cidade até o grande palco montado na frente da Igreja Matriz. Ali, a Orquestra Sinfônica de Porto Alegre une-se, num só coro, levando a todos a mensagem de natal. Esse evento, pela sua magia e encantamento, atrai milhares de turistas, de todas as partes, todos os anos. O amadurecimento da cidade e região tem nesses eventos peculiaridades específicas. O incremento de mão-de-obra mais qualificada, o aumento da capacidade em hotéis e restaurantes, as transformações dos espaços públicos que possibilitam o maior aproveitamento em proveito do turista e do cidadão, autorizam o cidadão gramadense a manter um acentuado orgulho de seu município.

A outra inovação foi a Festa da Colônia. Modesta em seu início, porém com grande significado. Pela primeira vez o agricultor veio na forma de homenageado; como aquele que sustentou as primeiras famílias de outrora. A Festa da Colônia oportuniza anualmente o contato direto entre o agricultor e o turista. A prosperidade econômica já não é mais prerrogativa do homem urbano, mas alastra-se e dilui-se no meio rural, processo determinante das inúmeras empresas familiares voltadas a agroindústria.

A pesquisa rastreou com primazia os passos do colono. A sua evolução social, cultural e econômica atual, abstraída a evolução tecnológica, é incontestável. Afirmar categoricamente que isso se deveu exclusivamente ao evento é pueril. Entretanto, é inegável que um dos fatores desse progresso e de retomadas, é que ao longo das edições, o contato direto com o visitante influenciou na diminuição do sentimento de inferioridade que esse grupo, por décadas carregou. O poder público, as associações agrícolas, os clubes do interior, as confissões religiosas, tiveram participação direta nesse processo, na medida em que ao abriu as possibilidades de participação coletiva, elevaram o pertencimento individual.

#### **4.5 As Cores da Etnicidade**

Através das observações, dos contatos com os entrevistados e, sobretudo a aproximação com o objeto da pesquisa é necessário uma modesta contribuição. Registre-se que o objetivo não é desencadear uma crítica exaltada, ao contrário, apenas uma reflexão. É necessário esclarecer também que a referência a essa questão, não implica em nenhum momento num exame aprofundado da questão antropológica. Dá-se em geral pouca importância quanto ao conhecimento do passado do imigrante italiano; quanto é reconhecida, tem-se como objetivo auferir lucro com o turismo. É inegável que o homem urbano, urbano, quando enaltece uma identidade italian, é motivado por elevada dose de conveniência, ligada aos dividendos que o fluxo turístico oferece. Tal evidência não aparece somente no comércio gastronômico ou na hotelaria; surge também no meio familiar e nas escolas.

A lição de Frederick BARTH<sup>135</sup> esclarece a forma como esse comportamento se estabelece. Diz ele que:

Uma atribuição categórica é uma atribuição étnica quando classifica uma pessoa em termos de sua identidade básica mais geral, presumivelmente por sua origem e seu meio ambiente. Na medida em que os atores usam identidades étnicas para categorizar a si mesmos e outros, com objetivos de interação, eles formam grupos étnicos neste sentido organizacional.

Tal argumento leva a estabelecer princípios de categorização. Isso está implícito nos segmentos citados, pois não aparecem de forma espontânea, mas sim quando a instituição é provocada por algum evento. BARTH, explica que essa categorização se dá mediante “as características que são levadas em consideração não a soma das diferenças ‘objetivas’, mas somente aquelas que os atores consideram como significantes”<sup>136</sup>. Assim, ao apresentar as cores da Itália, falar o dialeto, estampar um adesivo temático ou socorrer-se do idioma italiano no momento em que se *considera significativa*, passa a ser uma diminuição da própria identidade.

O mesmo autor esclarece essas variações sob os seguintes aspectos:

O conteúdo cultural das dicotomias étnicas parecem ser de duas ordens: 1. sinais ou signos manifestos – os traços diacríticos que as pessoas procuram e exibem para demonstrar a sua identidade, tais como o vestuário, a língua, a moradia, ou o estilo geral de vida; e 2. orientações de valores fundamentais – os padrões de moralidade e excelência pelos as ações são julgadas<sup>137</sup>.

Percebe-se que esse comportamento diacrítico, em especial o aspecto “um”, é fator determinante para a perda da identidade étnica. Este comportamento também abre fileiras e atrai adeptos.

---

<sup>135</sup> BARTH, Frederick. Grupos Étnicos e suas Fronteiras. In: **Teoria da Etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1997. p. 187.

<sup>136</sup> *Ibidem*, p. 197.

<sup>137</sup> *Ibidem*, p. 194.

Com a família italiana da zona rural, mesmo com o incremento do processo turístico, cujo início já tem décadas, o processo foi diferente. As pequenas propriedades integradas em seu círculo familiar demonstram um natural apego ao passado. Os valores culturais aparecem de forma espontânea e, se perguntados sobre as cores da bandeira italiana levarão algum tempo para responderem. Acredita-se que essa demora da resposta, não está ligada ao descaso ou ao despreparo intelectual, pois

quanto maiores as diferenças entre essas orientações valorativas, mais elas implicam restrições à interação étnica: o indivíduo deverá evitar, no conjunto do sistema social, os estatutos e as situações que implicam um comportamento em desacordo com as suas orientações valorativas, já que um comportamento desse tipo de sua parte será sancionado de maneira negativa<sup>138</sup>.

É possível que esse comportamento tenha se mantido íntegro, pois entre as famílias rurais os contatos, as vivências e as trocas culturais são mais intensos e se apresentam de forma mais simplificada, porém com maior profundidade. É inegável que a tradição oral, neste caso, tenha exercido seu papel e seu estatuto. Um dos indícios mais sintomáticos que trás o passado para o presente, manifesta-se, indiscutivelmente, na alimentação. No que tange aos outros princípios norteadores da cultura, as manifestações domésticas, o preparo da terra, os hábitos, usos e costumes, apesar de sofrer os imperativos do tempo, ainda são percebidos. Nas duas situações é indiscutível, a consciência de que são descendentes de italianos; a diferença para o primeiro caso é a questão de sobrevivência econômica. No segundo caso a “italianidade” está ligada às funções que cada grupo significa para si e aos que os rodeiam. E mais, o grupo irá se manter, pois a terra é à base de todos os relacionamentos. Entretanto a sobrevivência ou não da italianidade dependerá da formulação e desenvolvimento, individuais ou não que cada grupo convencionar.

---

<sup>138</sup> *Ibidem*, p. 199.

## CONCLUSÃO

A busca por qualquer esclarecimento sobre a presença italiana na região de Gramado, está apenas iniciando. Os anos que separam os primeiros assentamentos, se tomarmos por base a instalação do Povoado em 1904 já soma um século. Durante esse período, os responsáveis diretos pela construção da história, foram homens e mulheres os quais deixaram apenas indícios e fragmentos; tais elementos às vezes não proporcionam uma compreensão direta, o que dificulta entender todo o conjunto.

O movimento de imigrantes italianos ou de seus descendentes na região ainda é um grande mosaico. Conhecem-se as peças, mas ainda não se tem domínio exato onde foram colocadas. Contudo a chegada do intendente José Nicoletti Filho foi de fundamental importância para o novo desenho da cidade. Antes dele, pouco se sabe, o Povoado era um simples reduto de pessoas, acredita-se, que procuravam meios de sobrevivência.

Houve momentos da pesquisa em que se pensava ter encontrado a resposta, entretanto, abria-se um hiato. No confronto entre os documentos e os depoimentos se encontra relativa congruência, entretanto, a limitação pessoal e a intuição podem ter falhado. O que

serviu na elucidação de alguns pontos, foi a inferência pessoal, e isso também não responde tudo.

As condições de vida e trabalho nas regiões onde se assentaram os imigrantes das diversas etnias, interferiram na dinâmica interna da família. A migração interna dos colonos italianos é um exemplo; ainda jovens, partiram da casa paterna à procura de outros espaços. O colono de ontem trouxe consigo a vontade de crescer. A pesquisa apontou esse crescimento na medida em que o colono tornou-se proprietário de suas terras e, ao longo dos anos aumentou seu patrimônio.

A reconstrução, embora limitada desse passado histórico aconteceu. Percebia-se no início – dentro de uma visão mais ampla – que todos os colonos eram iguais, que todos chegaram com os mesmos objetivos ou ainda, que todos haviam sido vítima da mesma política e quando se atribuía a identidade para um, atribuía-se a todos. Esse fato, possibilitado pela reconstrução, permitiu identificar processos distintos; um grupo por necessidade, outro atraído pelo amor de uma mulher, um terceiro chamado por um parente, alguns atraídos pelo comércio.

Outro esclarecimento permitido pela pesquisa, foi estabelecer com relativa segurança a forma como esses imigrantes ou descendentes se fixaram na região. A procura de terras como uma alternativa de sobrevivência é um fato concreto, mas também houve um grupo que não se assentou no meio rural, preferindo o núcleo do povoado. A pesquisa permitiu inferir que, no início a maioria extraiu da terra o seu sustento e, logo que ocorreu a formação de um modesto capital, permitiu a opção pelo espaço urbano.

A trajetória imposta pelo crescimento do Povoado proporciona o desencadeamento do processo de identificação; aqueles que passam a ocupar o centro urbano serão identificados como colonos de sucesso, e ao longo dos anos, perderão o *status* de colono. Os demais serão identificados na forma primitiva, ou seja, colono. O motivo mais evidente desse distanciamento está ligado ao fato de que os redutos coloniais mantiveram-se, por muito tempo, alheios ao progresso do Povoado. A intendência do Distrito interessava-se no alargamento das relações do espaço público; o espaço privado do colono, a colônia, era coadjuvante da subsistência.

Estabeleceu-se um esforço para entender esse processo.

Até ser dado os primeiros passos para a instalação do processo emancipatório o italiano urbano convivia com o colono. O movimento da comunidade para alcançar a autonomia administrativa culmina com o Plebiscito. Nesse momento de exercício de cidadania, independentemente da etnia de que descendam, passam a ser vistos como elementos fundamentais e, então, as famílias de descendência italiana passam a ocupar, oficialmente o *status* de gramadense.

A economia de Gramado necessitou do colono assim como esse se socorreu do mercado de trabalho urbano. Esse processo, mesmo recíproco, é responsável por uma nova fase. É o momento em que o filho do colono vai trabalhar na cidade. Essa mão-de-obra altera o comportamento cultural do homem rural na medida em que o insere uma economia de mercado onde o trabalho é assalariado.

É indiscutível que o filho do colono, uma vez inserido no mercado de trabalho assalariado, tenha ocupado lugar de destaque. A fábrica, artesanato e a malharia, embora importantes como geradores de renda, foram os lugares de circulação, porém sob dependência hierárquica. Entretanto, essa condição não retirou sua identidade.

O italiano em Gramado formou grupos, muito embora não existam clubes ou associações que façam referência a alguma família radicada no município. A evidência dos grupos está ligada às questões dos casamentos endogâmicos, aonde um conduz o outro. Essa estrutura formada pela relação de parentesco foi responsável pela distribuição bem como pela participação do italiano no contexto sócio-cultural do município.

Cultivando valores e tradições trazidas da terra de origem ou sistematicamente reproduzidas no meio familiar, esse grupo de italianos aqui assentados construiu a imagem do trabalhador honesto e respeitoso. Percebe-se que essa imagem não foi destruída, ao contrário, é no cotidiano que tais práticas se revelam.

Vale sempre recordar, que a proposta da pesquisa é a de contribuir para a compreensão da ocorrência dos assentamentos dos imigrantes italianos ou de seus descendentes nas terras de Gramado, entretanto não podem ser descartados os motivos intrínsecos decorrentes de todo esse processo. As falas dos depoentes, por limitação intelectual do autor no presente, ainda poderão dizer muito mais no futuro. Contudo, revelam o cotidiano de pessoas que desempenharam um reconhecido papel na formação da cidade.

O italiano, que ao longo das décadas se constituiu num grupo social considerável e heterogêneo, entregou a comunidade um referencial singular: formas de sobrevivência. A



evidência dessa contribuição, está ligada, entre outras propostas, ao implemento do turismo capitaneado pelo poder público do município.

A pesquisa comprova uma tendência: é necessário percorrer os campos da interdisciplinaridade. A compreensão do todo, por evidente, não está somente na história oficial ou na metodologia oral aqui, parcialmente aplicada; é necessário entrelaçar os estudos às ciências políticas, sociais e econômicas e antropológicas cujas ferramentas auxiliarão na compreensão do todo.

Objetivou-se por realizar uma análise qualitativa. Nesse aspecto, acredita-se que os depoimentos contribuíram de forma eficaz. Os eventuais dados quantitativos apresentados, que não foram muitos, estão diretamente ligados a dados estatísticos necessários à compreensão da sociedade do passado.

Procurou-se realizar um diálogo onde as vozes do homem comum fossem ouvidas. Contudo, não podem ser afastados os responsáveis diretos, aqueles que idealizaram e incentivaram os projetos para o alargamento do turismo; os administradores públicos. Percebe-se através deles a inegável parcela de contribuição do italiano, apesar de não estar totalmente aparente por encontrar-se ainda ligada a redes subterrâneas, que fatalmente a pesquisa acadêmica trará, aos poucos, para a superfície.

A longa trajetória percorrida pelo grupo de italianos que outrora chegou ao município de Gamado, e da qual se pretendeu identificar com o auxílio da fonte oral, deve ser incluída a contribuição, sempre presente, dos grupos étnicos descendentes de luso-brasileiros

e germânicos os quais se inserem, ao lado dos italianos, no contexto social da comunidade. Todos foram responsáveis pelo desenvolvimento social, econômico e cultural da região.

A pergunta inicialmente proposta entende-se por respondida. Gramado, embora não pertencendo a uma área definida pela proposta imperial como área de colonização e assentamento de imigrantes italianos, contribuiu indiscutivelmente no sentido de abrigar o excedente social que, para o período apontado, apresentava sinais de saturação em outras colônias. Independentemente das ações político-administrativas, impeditivas, conciliatórias ou não, o grupo de italianos presentes na região soube expressar sua colaboração ao longo desse primeiro século de presença nas terras de Gramado.

## REFERÊNCIAS

AMADO, Janaina et al. **República em Migalhas – História Regional e Local, História e Região: Reconhecendo e Construindo Espaços**. São Paulo: Marco Zero, 2001.

AREND, Alcides, 84 anos. Depoimento prestado por ocasião das comemorações do cinquentenário de Emancipação política. In: ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JOÃO LEOPOLDO LIED. **Gramado Contado por sua Gente**. jul. 2004.

ARQUIVO DA CASA CIVIL DO RIO GRANDE DO SUL. **D.O. de 1º de abril de 1938**. Porto Alegre, p. 5 a 9.

ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL. **Fundo Documental Imigração, Terras e Colonização**. Códice C-231, Livro de Matrícula de Colonos (comissão de Terras e Colonização – 4º Livro), Folha 8, Registro:1208, número de Ordem 1.

\_\_\_\_\_. **Fundo Documental Imigração, Terras e Colonização**. Códice C-231, Livro de Matrícula de Colonos (comissão de Terras e Colonização – 4º Livro), Folha 9, Registro:1210, número de Ordem 1.

ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JOÃO LEOPOLDO LIED. **Relatório ao Conselho Municipal de Taquara apresentado ao Intendente Arnaldo da Costa Bard**. Porto Alegre: Oficinas Graphics d’A Federação, 1923.

\_\_\_\_\_. Assembléia Legislativa – Diretoria dos Serviços Legislativos. **Projeto de Lei nº 383/54, Processo 1.369**. (Cópia). Gramado.

\_\_\_\_\_. **Depoimento Tomado de Orestes Dalle Mole, para Homenagem ao Título de “Cidadão Gramadense”**. Gramado, Lei Municipal nº 760/85, 1985.

\_\_\_\_\_. **Depoimento Tomado de Diva Masotti, para homenagem ao Título de “Cidadã Gramadense”**. Gramado, Lei Municipal nº 1.345/95, 1995.

\_\_\_\_\_. **Gramado - Censo Demográfico do Rio Grande do Sul 1970**. IBGE, Rio de Janeiro, 1973.

\_\_\_\_\_. **Parecer do Conselho Municipal de Taquara de 7 de novembro de 1928.** N° de votos: 2.145. Gramado, 1928.

\_\_\_\_\_. **Relatório ao Conselho Municipal de Taquara, 20 de Setembro de 1922.** Intendente Arnaldo da Costa Bard. Porto Alegre: Oficinas Graphics d'“A Federação”, 1923.

\_\_\_\_\_. **Relatório apresentado pelo Intendente Arnaldo da Costa Bard ao Conselho Municipal em 20 de setembro de 1922, correspondente ao exercício de 1921.** Porto Alegre: Oficinas Graphics d'“A Federação”, 1923.

AZEVEDO, Thales de. Os Italianos no Rio Grande do Sul. **Cadernos de Pesquisa**, Caxias do Sul: EDUCS, 1. ed., Verbete 111, p. 93, 1994.

BARTH, Frederick. Grupos Étnicos e suas Fronteiras. In: **Teoria da Etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1997.

BASSANEZI, Maria Silvia C. Beozzo. “Vinda e Vida em Família: Italianos para e no Brasil do Café”. HENZO, M. Grosselli. **Trentamila “Tirolesi” in Brasile, Stória, Cultura**. Cooperazione allo Sviluppo. Trento, 2001.

BERTOLUCCI, Rubem. **Árvore Genealógica de Henrico Bertolucci e Maria Ceconatti**. Porto Alegre, 1993. (Acervo pessoal).

BERTOLUCI, Walter. (86 anos). **Primeiro Prefeito eleito de Gramado**. Pronunciamento público em maio de 2004.

BLUM, Germano Marcolino (Org.). **Gramado Simplesmente Gramado**. Gramado: Prefeitura Municipal de Gramado, 1987.

BROILO, Décio. Depoente. Sapateiro há mais de 50 anos. In: ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JOÃO LEOPOLDO LIED. **Gramado Contado por sua Gente**. Documentário realizado pela Prefeitura Municipal de Gramado alusivo ao Cinquentenário de Emancipação Política, 2004.

CASIRAGHI, Gema (67 anos). **Depoente - Professora municipal aposentada**. Residente na Serra Grande, zona rural de Gramado.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. **O italiano da Esquina – Meridionais ns Sociedade Porto Alegrense e Permanência da Identidade entre Moranenses**. Tese de Doutorado. São Paulo, 1990.

\_\_\_\_\_. **O Italiano da Esquina – Imigrantes na Sociedade Porto-Alegrense**. Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana. Tese de Doutorado. Porto Alegre, 1991. (Coleção Imigração Italiana, n. 152).

\_\_\_\_\_. **Raízes de Gramado**. Gramado: Prefeitura Municipal de Gramado, 1992.

\_\_\_\_\_. **Gli Italiani Nelle Città – L'immigrazione Italiana Nelle Città Brasiliane**. Perugia: Guerra, 2001.

CONTE, Remi. (60 anos). **Depoente**. Residente em Gramado.

CUNHA, Maria Clementina. **A Construção Histórica do Patrimônio Público**. Campinas: UNICAMP, 1992. Disponível em: [www.consciencia.b/reportagens/memoria/o6Shtml](http://www.consciencia.b/reportagens/memoria/o6Shtml)>. Acesso em: 02 fev. 2005.

DALESSIO, Márcia Mansur. **Memória é Matéria Prima do Historiador**. São Paulo: PUC. Disponível em: <<http://www.conciência.br/reportagens/memória/06.shtm/>>. Acesso em: 08 ago. 2004.

DRECKSLER, Carlos Gilberto; KOOPE, Iraci Casagrande. Memória. **Jornal de Gramado**, Gramado, 25 maio 1995. p. 20.

EMATER – Escritório Regional da Serra - Gramado, 2000.

FÉLIX, Loiva Otero. **História & Memória – A Problemática da Pesquisa**. Passo Fundo: EDIUPF, 1998.

FIGLIOLI, Fabiano, 11 anos; BENETTI, Marejane, 12 anos; MUNARETTO, Mauro, 12 anos. Esses relatos foram registrados através de trabalhos escolares realizado pela Escola Estadual João Benetti Sobrinho em 1994 - arquivado na pasta 11, gaveta n° 04.

GINZBURG, Carlo. **O Queijo e Os Vermes – O Cotidiano e as Idéias de Um Moleiro Perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GIRON, Loraine Slomp. **Colonos e Fazendeiros – Imigrantes Italianos nos Campos de Cima da Serra**. Porto Alegre: EST, 2001.

GIRON, Loraine Slomp; BERGAMASCHI, Heloísa (Orgs.). **Colônia um Conceito Controverso**. Caxias do Sul: EUCS, 1996.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. **Passos Nômades – Narrativas de Espaço – Construção das Novas cidades e Memória Histórica**. Brasília: UNB, 2001.

HENZO, M. Grosselli. **Trentamila “Tirolesi” in Brasile, Stória, Cultura**. Cooperazione allo Sviluppo. Trento, 2001.

HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti. A Imigração Européia no Século Passado: O Programa de Colonização no Rio Grande do Sul. **Nova Scripta Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales**, Barcelona: Universidad de Barcelona, 2001.

IOTTI, Luiza Horn (Org.). **Imigração e Colonização, de 1747-1915**. Porto Alegre: EDUCS, 2001.

KOPPE, Iraci Casagrande. (74 anos). **Depoente**. Residente em Gramado.

KOPPE, Iraci Casagrande. Primeira rainha do evento. Depoimento prestado por ocasião das comemorações do cinquentenário de Emancipação política. In: ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JOÃO LEOPOLDO LIED. **Gramado Contado por sua Gente**. jul. 2004.

KOPPE, Iraci Casagrande; DRECKSLER, Carlos Gilberto. **Era uma Vez...! Relatos de Gramado**. Edição Comemorativa aos 25 Anos do Orbis Club de Gramado e 10 anos do Jornal de Gramado. Canoas: Escola Profissional La Salle, 1993.

KOPPE, Iraci Casagrande; DRECKSLER, Carlos Gilberto. Memória. **Jornal de Gramado**, Gramado, 1999.

LAZZARI, Beatriz Maria. **Imigração e Ideologia. Reação do Parlamento Brasileiro à Política de Colonização e Imigração (1850-1875)**. Dissertação. Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1977.

\_\_\_\_\_. **Imigração e Ideologia – Reação do Parlamento Brasileiro à Política de Colonização e imigração (1850-1875)**. Porto Alegre: EST/UCS, 1980.

LE GOFF, Jacques. **História, Tempo e Memória**. 3. ed. Campinas: UNICAMP, 1994.

MACIEL, Véra Baroso; DAROS, Marília (Orgs.). **Raízes de Gramado**. 2. ed. Porto Alegre: EST, 1999. (contra-capa).

MAESTRI FILHO, Mario José. **O Escravo no Rio Grande do Sul**. A Charqueada e a Gênese do Escravismo Gaúcho. EDUCS/EST, 1984. p. 22.

MAPAS. Disponível em: <[http://www.italiaoggi.com.br/links/iolink\\_0137.htm](http://www.italiaoggi.com.br/links/iolink_0137.htm)> Acesso em: 22 jul. 2006.

NOVAIS, Fernando. O Brasil nos Quadros do Antigo Sistema Colonial. In: Brasil em Perspectiva. São Paulo: Difel, 1985, p. 49-63. In: GIRON, Loraine Slomp; BERGAMASCHI, Heloísa (Orgs.). **Colônia um Conceito Controverso**. Caxias do Sul: EDUCS, 1996. p. 15.

PELISSER Adelirides, CARDOSO Cleoir Garbim, LONGO Virte Conte. Fé e Trabalho. In: GIRON, Loraine Slomp (Org.). **Colonos e Fazendeiros – Imigrantes Italianos nos Campos de Vacaria**. Porto Alegre: EST, 2001.

PELLEGRINI, Carmem Lúcia V. **Professora formada em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul**. Especialista em Alfabetização e Práticas e Cultura Escultura Escrita pela Faculdade Ritter dos Reis, Porto Alegre. Depoimento prestado em 10 de maio de 2006.

PERINI, Francisco. Depoimento ao Jornalista Nilo Ruschel. **Folha da Tarde**, 18 jul. 1945. p. 10. (A reportagem faz parte do acervo particular do autor da presente dissertação).

PERINI, Nair. (76 anos). **Depoente**. Residente em Gramado.

PERINI, Nair. **Depoimento prestado no projeto Gramado Contado por sua Gente Alusivo ao Cinquentenário de Emancipação Política do Município**. Acervo Áudio-visual do Arquivo Histórico Municipal *João Leopoldo Lied*, Gramado, 2004.

PREFEITURA MUNICIPAL DE GRAMADO. **Gramado simplesmente Gramado**. Gramado, 1987.

REBOUÇAS, André. **RS: Imigração & Colonização – Coletânea Terra Gaúcha**. 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996.

ROLDO, Camilo. (47anos). **Depoente**. Residente em Gramado.

SERNA, Justo; PONS, Analet. **Nuevas Tendências historiográficas e história local em Espanha – Uma reflexión sobre la historia local y el microanálisis**. IEA-Universidad de Zaragoza, 2001. p. 73-91. Disponível em: <<http://www.uv.es/~jserna/local.htm>>. Acesso em: 08 jul. 2005.

SILVA, Lucas Henrique Franco. **História oral e a Identificação dos Novos Campos de Pesquisa**. UNI-BH. Disponível em: <<http://www.consciencia.b/reportagens/memoria/o6Shtml>>. Acesso em: 02 fev. 2005.

STANGHERLIN, Jovani. **Depoente, Bancário aposentado – 63 anos**. Residente em Gramado.

VOLK, Horst Ernest. 76 anos. Depoimento prestado por ocasião das comemorações do cinquentenário de Emancipação Política. In: ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JOÃO LEOPOLDO LIED. **Gramado Contado por sua Gente**. jul. 2004.

VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. **O Papel das Instituições: Memória na Sociedade do Esquecimento**. In: SEGUNDO ENCONTRO DE HISTÓRIA ORAL DO NORDESTE – Salvador-BA, UNB, 2000. p. 122-127.

ZATTI, Clodoveu. **Dono da primeira fábrica de “Chimier” de Gramado**. Anos 20/30.

ZATTI, José Augusto. **Depoimento prestado no I Encontro Raízes de Gramado**. Gramado, 1992. (Neto do Major).

\_\_\_\_\_. **Raízes de Gramado**. Gramado: Prefeitura Municipal de Gramado, 1992.

ZORZANELLO, Enoir Antônio. Presidente da Comissão Organizadora do Festival de Cinema de Gramado. In: **Palestra Revisar Gramado Ontem e Hoje**, jun. 2005.

## BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BURKE, Peter (Org.). **A Escrita da História**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

CALDAS, Carlos Alberto Lins. **História e Memória**. Disponível em: <[http://www.unir.br/~primeira/artigo\\_181.thml](http://www.unir.br/~primeira/artigo_181.thml)>. Acesso em: 30 set. 2005.

COSTA, Rovilio. **Imigração Italiana no Rio Grande do Sul. Vida, Costumes e Tradições**. Porto Alegre: EST/Sulina, 1974.

\_\_\_\_\_. **Imigração, Povoamento e Genealogia**. 3. ed. Porto Alegre: Martins Livreiros, 1999. 8 v.

COSTA, Rovilio; DE BONI, Luis A.; BATISTEL, Arlindo Itacir. **Italianos do Rio Grande do Sul**. [Duas Idéias], Porto Alegre: EST, 2000.

CUNHA, Maria Clementina. **A Construção Histórica do Patrimônio Público**. Disponível em: <<http://www.conciência.br/reportagens/memorias/06Shtml>>. Acesso em: 02 fev. 2005.

DALESSIO, Márcia Mansul. “Memória é Matéria Prima do Trabalho do Historiador. PUC/SP. Disponível em: <<http://www.conciência.br/reportagens/memoria/06Shtml>>. Acesso em: 08 ago. 2004.

\_\_\_\_\_. **“Nos Jardins do Tempo: Memória e História na perspectiva de Pierre Nora**. Original: “Entre Memória e História: a Problemática dos Lugares, (1984), publicado na Revista Projeto História, Departamento de História da PUC/SP. Disponível em: <<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=historiadores.id=11>>. Acesso em: 08 ago. 2004.

DE BONI, Luis Alberto. Os Italianos no Rio Grande do Sul Uma Experiência que deu Certo. **Enfoque**, Bento Gonçalves, n. 23, v. 5, p. 13-25, 1977.

FERREIRA, Marieta de Moraes. A História Oral: Questões Metodológicas. **Anais do Encontro de História e Documentação Oral**. Brasília: UNB-Departamento de Ciência da Informação e Documentação, 1994.



\_\_\_\_\_. **História Oral e Multidisciplinaridade**. Rio de Janeiro: Diadorin/FINEP, 1994.

\_\_\_\_\_. **Memória e Matéria Prima do Historiador**. Disponível em:  
<<http://www.conciencia.br/reportagem/memoria/06Shtml>>. Acesso em: 08 ago. 2004.

FRANÇOIS, Etienne. “A Fecundidade da História Oral”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (Orgs.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 03-13.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. “Passos Nômades – Narrativas de Espaço - Construção das Novas Cidades e Memória Histórica. In: COSTA, Cléria Botelho da; MAGALHÃES, Nancy Alessio (Orgs.). **História, Cultura e Memória**. Associação Brasileira de História Oral – ABHO – Centro de Estudos avançados Multiplidisciplinares - CEAN - Universidade de Brasília, 2001. p. 337-345.

HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti. Associação dos Comerciantes: Uma Forma de Organização dos Imigrantes Europeus nas Colônias Agrícolas no Sul do Brasil. *Nova Scripta Revista Bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales*, Barcelona: Universidad de Barcelona, 2001.

IOTTI, Luiza Horn. **O Olhar do Poder: A Imigração Italiana no RS**. Caxias do Sul: EDUCS, 1996.

\_\_\_\_\_. **Olhar do Poder: A Imigração Italiana no Rio Grande do Sul de 1875 a 1914 – Através dos Relatórios Consulares**. Caxias do Sul: Chronos, 1996.

JOUTARD, Philippe. “História Oral: Balanço da metodologia e da Produção nos últimos 25 anos. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (Orgs.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

KUYUMJIAN, Maria de Melo Martins. Elaboração Empírica do Garimpeiro, Construindo Sujeitos Sociais Contar História, Fazer História. In: COSTA, Cléria Botelho da; MAGALHÃES, Nancy Alessio (Orgs.). **História, Cultura e Memória**. Associação Brasileira de História Oral – ABHO – Centro de Estudos avançados Multiplidisciplinares - CEAN - Universidade de Brasília, 2001. p. 206-219.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. “Prática e Estilos de Pesquisa na História Oral Contemporânea. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (Orgs.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 15-16.

MONTENEGRO, Antonio Torres. História Oral: Caminhos e Descaminhos. *Revista da ANPUH*, v. 25, p. 55-67, 1993.

\_\_\_\_\_. **Memórias e Histórias**. [S.l.]: IDÉIAS, v. 18, p. 19-25, 1993.

\_\_\_\_\_. **Os Fragmentos da Memória na Construção das Narrativas Históricas**. In: VII Congresso de História Oral, História e Tradição Oral. Goiânia, 2004. v. 1.

RABUSKE, Arthur. **Os Inícios da Colônia Italiana do Rio Grande do Sul em Escritos de Jesuítas Alemães**. Porto Alegre: EST, 1974.

SHARPE, Jim. A História Vista de Baixo. In: BURKE, Peter (Org.). **A Escrita da História**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

ZAGONEL, Carlos Albino. **Igreja e Imigração Italiana**. Porto Alegre: EST/Sulina, 1975.